



Jéssica Rodrigues Santos

# O EMPREENDEDORISMO COMO ESTRATÉGIA DE SUSTENTABILIDADE ECONÔMICA PARA MULHERES DE BAIXAS QUALIFICAÇÕES — Um estudo sobre as potencialidades do projeto Organolate

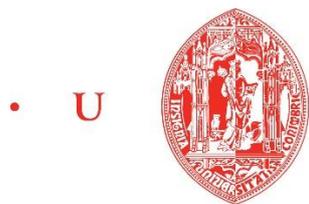
Dissertação de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e Empreendedorismo,  
apresentada à Faculdade de Economia e à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação  
da Universidade de Coimbra

Orientadora: Prof. Doutora Virginia Ferreira

Setembro de 2016



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• U • C •

FEUC FACULDADE DE ECONOMIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JÉSSICA RODRIGUES SANTOS

O EMPREENDEDORISMO SOCIAL COMO ESTRATÉGIA DE  
SUSTENTABILIDADE ECONÓMICA PARA MULHERES DE BAIXAS  
QUALIFICAÇÕES - um estudo sobre as potencialidades do Projeto  
Organolate

Dissertação de Mestrado em Intervenção Social, Inovação e  
Empreendedorismo, apresentada à Faculdade de Economia e à Faculdade  
de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra  
para obtenção do grau de Mestre

Orientadora: Prof. Doutora Virgínia Ferreira

Coimbra, 2016

À Sônia

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Viginia Ferreira por toda a disponibilidade, compreensão, críticas construtivas, reflexões e sua extraordinária dedicação durante a construção desta dissertação. Agradeço imensamente.

À Sônia, por transformar todos os meus dias em alegrias e por ser o amor da minha vida. Agradeço imensamente.

Ao Rildo, Ingrid e Isabela por estarem presentes em todos os momentos da minha existência, alegres ou tristes. Pela cumplicidade, conforto e amor sempre disponíveis. Agradeço imensamente.

À Selma, minha tia querida, por todo o amor, carinho, confiança que foram fundamentais para a realização deste sonho. Agradeço imensamente.

Ao Felipe pela força, alegria, amor e compreensão nos momentos mais difíceis e o incentivo para enfrentar esta jornada. Agradeço imensamente.

Às participantes da Cooperativa Organolate por terem permitido a realização desta pesquisa. Agradeço imensamente.

Ao NIEJ por toda a disponibilidade e colaboração. Agradeço imensamente.

Aos estudantes integrantes do projeto Organolate que foram verdadeiros amigos durante a elaboração deste trabalho. Agradeço imensamente.

À Glyssia, Flávia e Renata, minhas companheiras de Coimbra, pela amizade que construímos durante esta trajetória. Agradeço imensamente.

## RESUMO

O Empreendedorismo Social surgiu através da articulação entre os setores público e terceiro setor, como uma forma de possibilitar uma alternativa a problemas sociais complexos como a pobreza e o desemprego. Estes problemas agravam-se quando implicam dimensões da desigualdade de gênero como sejam as dificuldades de inserção de mulheres no mercado de trabalho, tanto por questões objetivas quanto por estereótipos.

O projeto Organolate surge neste cenário como um empreendimento social criado para ser uma alternativa de renda para as mulheres ribeirinhas, organizadas em uma cooperativa de produção e venda de chocolates orgânicos, das comunidades de Tacuateua, Bom Jardim e Arauaia, localizadas no município de Barcarena do estado do Pará, no Brasil.

Para esta pesquisa objetivamos: contextualizar o Projeto Organolate como uma iniciativa de empreendedorismo social, proveniente do terceiro setor; apresentar o Projeto Organolate, desde sua criação, objetivos, institucionalização, financiamento e fases da sua implantação; identificar por meio dos relatos das pessoas participantes se houve mudanças no desenvolvimento do Projeto na sua construção de metas e objetivos; perceber até que ponto este empreendimento social contribuiu para a capacitação das mulheres das comunidades abrangidas.

Para alcançar esses objetivos, utilizamos uma abordagem qualitativa que objetiva estudar o fenômeno de forma integral. Para a produção de informação utilizamos análise documental e entrevistas semiestruturadas com elementos da coordenação do projeto e mulheres participantes. A partir da análise dos dados percebemos que o projeto Organolate influenciou positivamente na vida das mulheres envolvidas, modificando suas rotinas e perspectivas, apesar das dificuldades no desenvolvimento das atividades propostas que vem atravessando.

Palavras-chave: Empreendedorismo social; Empreendedorismo feminino; capacitação; Projeto Organolate.

## ABSTRACT

The Social Entrepreneurship has emerged through the articulation between the public and the third sector, as a way of providing an alternative to complex social problems such as poverty and unemployment. These problems worsen when involve dimensions of gender inequality, such as the difficulties of insertion of women into the labor market, both for objective issues and stereotypes.

The Organolate project emerges in this scenario as a social enterprise created to produce an alternative income for coastal women, organized in a cooperative production and sale of organic chocolates, the Tacuateua communities, Bom Jardim and Arauaia, located in the municipality of Barcarena, Pará State in Brazil.

For this research we aim: contextualizing the Organolate Project as social entrepreneurship initiative, from the third sector; presenting Organolate Project, since its inception, objectives, institutionalization, financing and implementation stages; identifying through participants' reports whether there have been changes in the development of the project; understanding to what extent this social enterprise contributed to the empowerment of women in the communities covered.

Therefore, we use the qualitative approach which aims to study the phenomenon in a comprehensive way. For the production of data we used documentary analysis and semi-structured interviews with elements of project coordination and women participants. From the data analysis we draw the conclusion that the Organolate project influenced positively on the lives of the women involved, modifying their routines and prospects, despite the difficulties in the development of proposed activities that comes across.

Keywords: Social Entrepreneurship; female entrepreneurship; capacity building; Organolate Project.

**ÍNDICE DE QUADROS**

Quadro 1	As capacidades humanas	30
Quadro 2	Caracterização dos sujeitos da pesquisa	45
Quadro 3	Informações cadastrais das cooperadas	54

**ÍNDICE DE FIGURAS**

Figura 1	Município de Barcarena	40
Figura 2	Balsa saindo de Belém em direção ao município de Barcarena	43
Figura 3	Balsa indo em direção ao Município de Barcarena	43
Figura 4	Estrada de terra	44
Figura 5	Porto improvisado de acesso	44
Figura 6	Barco que dá acesso às comunidades	44
Figura 7	Construção da cozinha industrial	59
Figura 8	Organograma	60

**ÍNDICE DE TABELAS**

Tabela 1	Informação populacional do município de Barcarena	40
Tabela 2	Valores e vendas de chocolate	62

**LISTA DE SIGLAS**

Instituto Brasileiro de Geografia e estatística	IBGE
Núcleo Integrado de Empreendedores Juniors	NIEJ
Organização da Sociedade Civil de Interesse Público	OSCIPs
Educação de Jovens e Adultos	EJA
Centro Universitário do Pará	CESUPA
Comissão Executiva do Plano de Lavoura Cacaueira	CEPLAC

**LISTA DE ABREVIações**

Empreendedorismo Social	ES
Inovação Social	IS

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1. CAPÍTULO – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>4</b>
<b>1.1 Terceiro setor e a economia social.....</b>	<b>5</b>
1.1.1 Aspectos históricos do terceiro setor.....	7
1.1.2 Enquadramento legal do terceiro setor no Brasil .....	8
<b>1.2 Empreendedorismo Social .....</b>	<b>11</b>
1.2.1 Conceito de Empreendedorismo Social .....	11
1.2.2 Classificação de Empreendedorismo Social .....	13
1.2.3 Relação entre Inovação Social e Empreendedorismo Social .....	14
1.2.4 A Sustentabilidade e os desafios nas Empresas Sociais.....	16
<b>1.3 O trabalho e empreendedorismo realizado por mulheres .....</b>	<b>19</b>
1.3.1 A mulher e o trabalho.....	22
1.3.2 Empreendedorismo Feminino .....	24
<b>1.4 A Capacitação .....</b>	<b>27</b>
<b>2. CAPÍTULO - ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO E EMPÍRICO .....</b>	<b>32</b>
<b>2.1 Definição do Problema de pesquisa.....</b>	<b>32</b>
<b>2.2 Objetivo Geral.....</b>	<b>33</b>
2.2.1 Objetivos Específicos de Pesquisa .....	34
2.2.2 Problemática conceitual .....	34
<b>2.3 Metodologia, Natureza e Procedimentos Técnicos. ....</b>	<b>36</b>
<b>2.4 Técnicas e Coletas de Dados .....</b>	<b>37</b>
<b>2.5 Delimitação Geográfica do Lócus da Pesquisa.....</b>	<b>40</b>
2.5.1 O Acesso às comunidades .....	42
<b>2.6 Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa .....</b>	<b>45</b>

<b>2.7</b>	<b>Caraterização dos Dados Levantados na Pesquisa.....</b>	<b>47</b>
<b>3.</b>	<b>CAPÍTULO - TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>49</b>
<b>3.1</b>	<b>Identificar por meio dos relatos dos sujeitos da pesquisa:.....</b>	<b>49</b>
	a) Contexto da criação do projeto Organolate como uma iniciativa de empreendedorismo social. ....	49
	b) Quais os principais interesses no início do projeto? .....	64
	c) Quais as dificuldades encontradas no desenvolvimento do projeto? .....	67
	d) Quais as mudanças, construção e objetivos alcançados pelo projeto nas Comunidades Bom Jardim, Traquateua e Arauaia? .....	71
	e) Até que ponto este empreendimento social contribuiu para a capacitação das mulheres das comunidades abrangidas.....	74
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>78</b>
	<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>85</b>
	<b>APÊNDICE.....</b>	<b>90</b>

## **INTRODUÇÃO**

Muitos foram os motivos que me levaram a escrever este trabalho, porém, acredito que a indignação perante as diversas desigualdades sociais, em especial aquelas que afetam especialmente as mulheres, foi crucial para este feito. Os caminhos que me trouxeram até este ponto são essencialmente empíricos, tive em minha família grandes exemplos de mulheres agentes e independentes financeiramente, porém presas a uma sociedade patriarcal que nunca as perdoou por serem mulheres, independente de seus feitos. Durante a minha primeira passagem pelo ensino superior, no curso de Pedagogia, na qual mais de 99% do corpo discente era formado por mulheres, percebi que mesmo sendo a maioria as mulheres ainda tendiam a tornar mais significativa a presença daquele único estudante homem em sala de aula do que das demais 49 estudantes. Era ele quem comandava as equipes de trabalho e representava a turma. Isto demonstra o quanto a falta de autonomia e confiança é construída na vida das mulheres em geral. O fato de o corpo docente ser dividido igualmente entre homens e mulheres reforça ainda mais esta ideia.

Após começar a conhecer o movimento feminista e passar por um período de desconstrução, senti a necessidade de entender os processos que perpetuam a exclusão de grupos marginalizados de maneira geral e o que os impede de reconstruírem suas histórias. São muitos fatores que contribuem para a resolução dos problemas complexos, por isto focamos nos problemas de desigualdade de gêneros enfrentados pelas mulheres e o empreendedorismo social como uma ferramenta para transformar suas vidas.

Neste contexto, o tema proposto por este trabalho visa compreender até que ponto o projeto Organolate, enquanto empreendimento social criado para ser uma alternativa de renda para mulheres ribeirinhas, tem contribuído para as mudanças nas metas e objetivos para a vida futura das mulheres envolvidas. O estudo incidiu sobre o projeto Organolate que abrange as comunidades de Tacuateua, Bom Jardim e Arauaia, localizadas no município de Barcarena do estado do Pará.

A partir das leituras realizadas sobre o assunto e considerando todas as informações colhidas a respeito do empreendimento, formulamos as seguintes questões norteadoras:

- a) Contexto da criação do Projeto Organolate como uma iniciativa de Empreendedorismo Social.
- b) Quais os principais interesses das mulheres no início do projeto?
- c) Que dificuldades surgiram durante o desenvolvimento do projeto?

- d) Quais as mudanças, construção e objetivos alcançados pelo projeto nas Comunidades Bom Jardim, Traquateua e Arauaia?
- e) Até que ponto este empreendimento social contribuiu para a capacitação das mulheres das comunidades abrangidas.

Os procedimentos metodológicos desta pesquisa privilegiam os aspectos qualitativos por entendermos que na pesquisa qualitativa o objeto de estudo pode ser investigado a fundo de maneira a possibilitar a compreensão de todos os seus aspectos através das análises dos dados gerados.

Para a realização desta investigação primeiramente realizámos uma pesquisa bibliográfica com o intuito de reunir todas as fontes, como livros, artigos, periódicos sobre o tema em questão. O interesse neste levantamento foi coletar informações, entendermos mais sobre o tema e assim definirmos nossos objetivos com a pesquisa.

Paralelamente à pesquisa bibliográfica, realizámos uma pesquisa documental com o intuito de compreendermos o processo de surgimento do projeto Organolate, como o atual regimento interno do projeto e o relatório de atividades. Também consultámos a legislação que rege o terceiro Setor no Brasil e suas organizações.

A pesquisa de terreno também foi utilizada por nós no desenvolvimento deste estudo, tendo como *locus* o Núcleo de Integração de Empreendedores Juniors- NIEJ e as comunidades abrangidas, onde buscamos informações que nos ajudassem a conhecer melhor o projeto e a responder às nossas questões.

Para o desenvolvimento da pesquisa empírica, utilizámos a entrevista semiestruturada como técnica de geração de dados, sobretudo, por entendermos que nela quem entrevista se guia por pontos de interesse apresentando certo grau de estruturação. Esta ferramenta de produção de dados deve ser realizada através de perguntas diretas que permitem às pessoas entrevistadas falar livremente sobre o assunto em questão.

Os objetivos foram cruciais para a definição das técnicas utilizadas nas entrevistas semiestruturadas. Para a realização das entrevistas elaborámos previamente um roteiro que serviu como referencial para o início da pesquisa; no entanto, no decorrer do trabalho fizemos adaptações necessárias sem deixar de respeitar as questões de análise da pesquisa.

A partir deste levantamento, analisamos a implantação do projeto Organolate e como este empreendimento contribuiu para promover mudanças na vida das mulheres ribeirinhas envolvidas. Consideramos que os sujeitos, através de suas falas e manifestações,

podiam nos trazer indicativos para descobrirmos se a iniciativa social obteve êxito em sua proposta de empoderar e contribuir financeiramente na vida das mulheres.

Realizamos nossas análises com base nos dados gerados pela pesquisa, por isto procuramos estabelecer relações entre os indicativos das falas dos sujeitos

A estruturação desta dissertação em três partes obedeceu a seguinte forma: Na primeira parte realizamos um levantamento teórico acerca dos temas que discutem o terceiro setor e a sua influência no bem-estar social, assim como as organizações que o constitui com o intuito de influenciar positivamente no desenvolvimento social e humano. Falamos, também, sobre o empreendedorismo social como uma alternativa de desenvolver um empreendimento sem desconsiderar os aspectos sociais, ou seja, levando em consideração o outro e não apenas o mercado. Em seguida, discutimos os aspectos da sustentabilidade e desafios enfrentados pelos empreendimentos sociais, como importante quesito para o sucesso do empreendimento sem acarretar a perda de valores sociais. Por último, achamos pertinente discutir sobre gênero e os papéis sociais atribuídos às mulheres na sociedade patriarcal em que vivemos, assim como as discriminações vividas por elas no mercado de trabalho e os desafios que são encontrados após criarem seus próprios empreendimentos.

Na segunda parte, apresentamos a nossa metodologia e os caminhos adotados para a realização da pesquisa. Aí são apresentados o nosso problema de pesquisa, objetivos e métodos utilizados.

Na terceira parte, apresentamos as análises sobre como ocorreu o processo de implementação do projeto Organolate, os desafios que surgiram durante a execução do projeto, os interesses das mulheres ao ingressarem no projeto, quais as mudanças que o projeto proporcionou nas vidas destas mulheres e quais as contribuições que o empreendimento trouxe à sua capacitação.

## 1. CAPÍTULO– ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo, contextualizaremos teoricamente o conceito de Terceiro Setor, ao longo de quatro secções sendo que a primeira trata do Terceiro Setor e Economia Social, a segunda apresenta o conceito de Empreendedorismo Social e a terceira discute sobre o Trabalho e Empreendedorismo realizado por mulheres no Brasil. Na quarta secção apresentaremos a teoria da capacitação.

Para o desenvolvimento do estudo utilizámos importantes estudos e ensaios que nos auxiliaram na compreensão da temática. Sobre o Terceiro Setor dividimos a abordagem em duas secções. Primeiramente procuramos apresentar seus aspectos históricos, para o que nos amparámos nos estudos de Carvalho (2006) que relatam de forma esquemática quatro períodos históricos do Terceiro Setor no Brasil que compreendem: a) época da colonização até meados do século XX; b) período do governo de Getúlio Vargas (1937 - 1945); c) período da ditadura militar (1964 - 1985) e d) teve início a partir de 1980 com a diminuição da intervenção do Estado nas questões sociais e com a redemocratização do País e o declínio do modelo intervencionista do Estado.

Na secção que versa sobre os aspectos legais do terceiro setor no Brasil nos amparamos nos estudos de Costa & Visconte (2001), que sobre a legislação pertinente ao terceiro setor alegam que até recentemente a legislação brasileira não fazia distinção, sendo todas as organizações abrigadas sob o mesmo estatuto jurídico, podendo, no entanto, assumir diferentes formatos legais. Refletimos, também, sobre os princípios do terceiro setor e seus objetivos.

A secção referente ao Empreendedorismo Social (ES) põe em evidência que o contexto que possibilitou a sua expansão é, principalmente, a ineficiência do Estado em prover soluções para problemas sociais, tanto na criação como na omissão de políticas. Trazemos o seu conceito destacando que ainda sofre grandes disparidades em relação à sua aplicabilidade e ao seu significado.

Buscamos também classificar o conceito Empreendedorismo Social pautado em Alvord, Brown e Letts (2004) que aponta três tipos: 1. *Combinação entre empresas com impactos sociais e organizações sociais com métodos empresariais*; 2. *Inovação para o impacto social*; 3. *Forma de catalisar a transformação social*. Também foi estabelecida a relação entre Inovação Social e Empreendedorismo Social e a Sustentabilidade nas Empresas

Sociais. Sobre o assunto Oliveira (2011) considera que as organizações do terceiro setor tiveram que reordenar sua forma de gestão, visando estratégias de captação de recursos, para atender as demandas que crescem com o movimento da responsabilidade social empresarial.

A terceira secção deste capítulo apresenta o trabalho e empreendedorismo realizado por mulheres no Brasil por entendermos que para este estudo o conceito de gênero é relevante para atingirmos as relações sociais construídas e os reflexos que elas produzem em variados aspectos na vida das mulheres. Aqui discutimos a *mulher e o trabalho; mulheres no empreendedorismo*.

Na última secção deste capítulo, apresentaremos a teoria da Capacitação, desenvolvida por Amartya Sen (1999) e discutida por Martha Nussbaum (2003). Esta teoria nos traz uma reflexão a respeito de justiça social e de capacidades fundamentais que devem ser desenvolvidas durante a vida de mulheres para que elas vivam em sua plenitude com dignidade.

### **1.1 Terceiro setor e a economia social**

A Sociedade Brasileira divide-se juridicamente conforme sua Constituição Federativa em três grandes setores: a) O primeiro Setor constituído pelo Estado abrange as Instituições públicas nas esferas governamentais no âmbito: Municipal, Estadual e Federal promovendo e instituindo leis a serem seguidas e proporcionando às pessoas direitos e deveres. Este setor organiza a sociedade conforme sua ideologia – como sociedade democrática, participativa ou ditadora ou anárquica, entre outros. Teoricamente o Estado tem o papel de provedor na sociedade, sendo responsável pelas questões sociais como educação, segurança, saúde, lazer.

b) O segundo setor é formado pelas empresas privadas e o mercado nos segmentos: Indústria, Comércio e Serviços, que e visam a geração de lucro e o crescimento da economia, atuando este setor em benefício próprio.

c) O Terceiro Setor está inserido no setor social, que é composto por instituições organizadas pela sociedade civil na busca de seus direitos ou de suas necessidades. É formado por associações sem fins lucrativos provenientes da sociedade civil que se responsabilizam por assegurar finalidades como o bem-estar social, a cultura, a educação, o lazer, o desporto, entre outros, que o mercado e o Estado não conseguem ou não querem prover sozinhos. Desta forma, o objetivo central do terceiro setor é fornecer as necessidades

sociais, garantir níveis mais adequados de bem-estar social e integrar os cidadãos para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Para o desenvolvimento dos serviços realizados pelas organizações deste setor são necessários diversos recursos, como materiais e humanos, por vezes provenientes do primeiro e segundo setor e outras vezes da própria entidade. Sobre isso Panceri (2001), afirma que:

A tendência do Terceiro Setor é crescer em tamanho, em conhecimento, em profissionalização, em número de colaboradores contratados e, principalmente, em número de pessoas atendidas, aumentando a qualidade de vida, em número de projetos executados com sucesso, em visibilidade e credibilidade. Mudanças sociais são necessárias e o terceiro setor deve tornar-se um instrumento dessa mudança (2001: 130).

Segundo a autora o terceiro setor tem crescido e tende a crescer cada vez mais na perspectiva de atender diversas áreas e um número maior de pessoas sempre com o intuito de fazer a diferença positiva em suas vidas.

Segundo Ferreira (2009) este setor é um campo de investigação emergente, no qual há uma dedicação ao estudo das formas de organização de coletividades da sociedade civil, entre as quais as associações, as cooperativas, as mutualidades e as fundações, que são as formas mais amplamente institucionalizadas nos países democráticos. Para a autora as organizações deste setor caracterizam-se por:

- Estarem formalmente institucionalizadas como órgãos de gestão próprios;
- Terem origem privada;
- Não terem fins lucrativos, no sentido em que os lucros não são distribuídos pelos donos ou pela gestão;
- Envolverem tipicamente mão-de-obra em regime de voluntariado;
- Flexibilidade;
- Reduzida formalidade;

É importante explicar algumas dessas características. O voluntariado é constituído por pessoas com interesses em comum que possuem a vontade de ajudar o próximo, ou agir em alguma situação específica (como apagar um incêndio, restaurar obras de arte, fazer escavações arqueológicas). A sua missão é concretizada ao fazer o bem, ou ao terminar uma tarefa, nunca visando o lucro ou algum benefício próprio. As pessoas voluntárias possuem liberdade de adesão e contribuem da maneira que podem.

Não ter fins lucrativos significa que a missão não visa retirar lucros da ação. Todo o capital gerado é voltado para a missão, deste modo, podem vir a receber benefícios do Estado em questões fiscais.

### *1.1.1 Aspectos históricos do terceiro setor*

Visando sintetizar as fases históricas do surgimento do Terceiro Setor nos ampamos nos estudos de Carvalho (2006) que relatam resumidamente quatro períodos históricos do Terceiro Setor no Brasil:

O primeiro compreende o período estabelecido entre a época da colonização até meados do século XX. Durante cerca de um século, ocorreram ações de assistência social, saúde e educação desenvolvidas especialmente pela Igreja Católica, descrevendo o primeiro momento desta evolução. Segundo a autora as ações eram desenvolvidas no formato de asilos, orfanatos, Santas Casas de Misericórdia e colégios católicos. Intituladas de “associações voluntárias”, a base das ações era a caridade cristã, demonstrando como a noção de filantropia, inicialmente, era ligada a preceitos da Igreja Católica.

O segundo momento histórico do Terceiro Setor ocorreu no governo de Getúlio Vargas (1937 - 1945), que contou com o apoio de organizações sociais criadas com intuito de promover serviços em prol da sociedade sem visar lucros para a implementação de políticas públicas. Com isto o Estado assumiu o papel de formulador e implementador destas políticas. Em 1938, foi criado o Conselho Nacional de Serviço Social (CNSS), que estabeleceu que as instituições nele inscritas poderiam receber subsídios governamentais. Ainda neste período, o núcleo das Igrejas continua tendo papel importante na prestação de serviços sociais, recebendo, em alguns casos, financiamentos do Estado para as suas obras.

Para a autora o terceiro marco histórico relevante para o Terceiro Setor no Brasil ocorreu durante o regime militar (1964 - 1985) que se caracterizou por uma intensa mobilização da sociedade. Muitas organizações conhecidas por terem um caráter filantrópico e assistencial uniram-se às organizações comunitárias e aos chamados “movimentos sociais” para serem porta-vozes dos problemas sociais. É neste período que surgem as organizações sem fins lucrativos ligados à mobilização social e à contestação política.

O quarto e último marco histórico do Terceiro Setor no Brasil teve início a partir de 1980 com a diminuição da intervenção do Estado nas questões sociais e com a redemocratização do País e o declínio do modelo intervencionista do Estado. A questão da cidadania e dos direitos fundamentais passa a ser o foco das organizações sem fins lucrativos.

A partir desse momento, começa a crescer a articulação do Terceiro Setor como grupo consolidado que a cada dia vem adquirindo mais relevância social em virtude da atuação ineficiente do Estado, em especial na área social. Essas organizações emergentes da sociedade civil possuem um papel importante ao longo da história, pois, como já citado, não é de hoje que atuam em prol do bem-estar social.

As primeiras lutas de classe, revoluções trabalhistas, exigências de melhorias e condições de vida são consideradas as primeiras formas de organização da sociedade civil. Esta relação caracteriza-se de diferentes formas conforme o modelo de Estado.

No modelo de Estado-providência Liberal a relação entre o Estado e as organizações do terceiro setor assume potencialidades essenciais perante uma sociedade civil que não possui capacidade de se auto sustentar. No modelo Estado-providência Social Democrático as funções providenciais continuam iguais, e no modelo Estado-providência Conservador o Estado assume um título supletivo impossibilitando funções taxadas pela sociedade de inconvenientes.

### *1.1.2 Enquadramento legal do terceiro setor no Brasil*

Costa & Visconte (2001), sobre a legislação pertinente ao terceiro setor, alegam que até recentemente a legislação brasileira não fazia distinção, sendo todas as organizações abrigadas sob o mesmo estatuto jurídico, podendo, no entanto, assumir diferentes formatos legais. Segundo os autores, “este fato gerava uma série de distorções e barreiras ao crescimento das instituições que efetivamente tinham finalidade e ação pública, sem fins lucrativos” (2001: 10).

Motivados por esta questão, a partir de 1996, foram intensificados os debates e envolvimento da Sociedade Civil Organizada sobre a liderança do Conselho da Comunidade Solidária que atua sobre três formas distintas: “fortalecimento da sociedade civil, interlocução política e realização de programas inovadores, dentre os quais destacam-se os programas de alfabetização de jovens e adultos e de capacitação de jovens”.(ibidem) Culminando com uma nova regulamentação para o setor, a Lei nº 9.790, de março de 1999, instituiu o marco legal para o terceiro setor. Entre as importantes modificações trazidas pela Lei destacam-se:

Os novos critérios de classificação das entidades sem fins lucrativos de caráter público, inclusive reconhecendo outras áreas de atuação social antes não contempladas legalmente; as novas possibilidades no sistema de articulação entre as

instituições de direito privado e público; e, a possibilidade de remuneração dos dirigentes das instituições sem fins lucrativos (*ibidem*).

Intencionando a qualificação do Terceiro Setor, a nova Lei criou a figura da Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP com a intenção de diferenciar as instituições privadas de interesse público. A Lei define que:

Podem qualificar-se como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público as pessoas jurídicas de direito privado sem fins lucrativos que tenham sido constituídas e se encontrem em funcionamento regular há, no mínimo, 3 (três) anos, desde que os respectivos objetivos sociais e normas estatutárias atendam aos requisitos instituídos por esta Lei. (Brasil, Lei 9790, 1999)

Segundo os autores, mesmo com mudanças significativas, “as qualificações anteriores das instituições do terceiro setor - certificado de fins filantrópicos e título de utilidade pública federal - continuam vigorando concomitantemente” (*idem*: 11). Entretanto, as mudanças introduzidas pela lei não parecem ter sido assimiladas pela cultura organizacional das entidades e governos que ainda encontram dificuldades financeiras para aderirem ao título. Segundo os autores:

O argumento corrente para a baixa adesão ao novo título é de que existem custos envolvidos no processo de requerimento e de que as vantagens oriundas da qualificação ainda são pequenas, o que é exemplificado pela falta de uma legislação tributária complementar que modifique a atual estrutura de incentivos fiscais (aplicável às entidades de utilidade pública e filantrópicas) destinados às organizações do terceiro setor (2001: 12).

O fato é que a legislação das OSCIPs nada avançou nas questões do financiamento público ao setor. A Lei nº 9.250/95 não possibilita deduções das contribuições feitas às entidades privadas sem fins lucrativos por pessoas físicas e no caso das pessoas jurídicas o limite de dedução de imposto é de apenas 2% sobre o lucro operacional.

Pela legislação tributária, para que as instituições sejam habilitadas a receber doações passíveis de dedução, é necessário obter o título de utilidade pública federal junto à Secretaria Nacional de Justiça (*ibidem*).

Segundo os autores a prerrogativa tributária concedida ao setor desobriga o pagamento de imposto de renda sobre o patrimônio e serviços às instituições de educação e de assistência social, desde que aplicados os recursos no país, priorizando os objetivos institucionais e sem distribuir a parcela do patrimônio ou rendas como lucro.

Desta forma, permite que qualquer estabelecimento privado de ensino ou qualquer associação de benefício mútuo atuando em área compatível com “conceituação elevada” possa estar constitucionalmente imune de impostos.

Com a promulgação da nova Lei nº 9.732, de dezembro de 1998, foi retirada a isenção patronal para a previdência das 6.324 entidades filantrópicas que tinham registro na época no Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS). A Lei instituía as seguintes condições:

**Santas Casas** – aquelas que atendem a mais de 60% de seus pacientes pelo SUS continuariam com isenção total da contribuição patronal para a previdência.

**Hospitais** – para os que não têm fins lucrativos, mas destinam até 60% dos leitos pelo SUS, a isenção seria proporcional ao número de atendimentos prestados através do SUS.

**Colégios e Universidades** – Os que detêm certificado de filantropia continuariam isentos na proporção do número de bolsas de estudo concedidas gratuitamente na sua integralidade (*ibidem*: 13).

Tendo a medida provocando muitas reações e reclamações, em novembro de 1999, o Supremo Tribunal Federal (STF) concedeu uma liminar estendendo a isenção do pagamento de contribuição previdenciária aos hospitais e escolas (universidades) que prestam serviços assistenciais. Esta decisão do STF também beneficiou as demais instituições atingidas pela Lei 9.732/98.

Os últimos anos têm-se caracterizado por uma fase de transição e de mudanças importantes para o terceiro setor com indicações da importância do seu papel e o seu potencial de crescimento se consideramos apenas a posição relativa do setor em termos mundiais, não só pela atuação em prol do desenvolvimento humano e social da população, mas também por sua capacidade geradora de empregos e pelo potencial de mercado de trabalho que representa.

Segundo Ramos (2012), ao citar Westlund (2003), o objetivo das atividades do terceiro setor é a satisfação de determinadas necessidades sociais, e não a criação de emprego para as pessoas não serem excluídas por falta de emprego formal. A autora ao citar Almeida (2011), ressalta que:

[...] não é objetivo primordial das organizações do Terceiro Setor a criação de emprego, salvo algumas exceções, como o caso de determinadas políticas sociais promotoras de emprego e que são executadas pelo Terceiro Setor. Contudo, este potencial de criação de emprego tem sido

reconhecido pelas mais diversas Instituições que têm sido integradas em políticas de emprego (Ramos, 2012:11).

A importância deste setor é ainda maior em momentos marcados por dificuldades socioeconômicas e, em particular, por níveis de desemprego muito elevados, como os atualmente vividos pela sociedade brasileira. Isto é causado pelo desenvolvimento desregulado da globalização econômica, que prioriza o capital e cria mazelas e exclusões sociais, deixando marginalizadas da sociedade populações que sobrevivem em condições sub-existenciais.

## **1.2 Empreendedorismo Social**

O Contexto que possibilitou a expansão do empreendedorismo social (ES) é, principalmente, a ineficiência do Estado em prover soluções para problemas sociais, tanto da criação de políticas quanto na falta delas. A união entre o Estado ineficiente com o mercado excludente tornou o ES uma prática satisfatória para a sociedade civil no combate aos problemas sociais. Desta forma, pode-se concluir que o ES nasceu em um contexto de crise em diferentes setores – ambiental, social, econômico e político – como uma alternativa de superação (Parente, Costa, Santos, Chaves. 2011).

### *1.2.1 Conceito de Empreendedorismo Social*

O conceito de Empreendedorismo social ainda sofre grandes disparidades em relação à sua aplicabilidade e ao seu significado. Não há consenso que determine o “qual”, o “quando” e o “onde” é correto usar o termo. Isto reflete a falta de definição exata do ES. Entretanto, atividades não lucrativas, dinâmicas, criativas e inovadoras no mercado, são algumas das características recorrentes do ES.

Levi e Hart (2011) demonstram que há uma dificuldade em definir o que difere as pessoas empresárias e os empreendedores sociais. Principalmente por existirem organizações sociais que são grandes instituições de caridade globais, mas também cooperativas de trabalhadores, clubes sociais e grupos de ação comunitária. Não há uma separação pura entre empresas sociais de empresas do setor privado ou público. A disposição das organizações é mais um rótulo do que uma classificação.

Mesmo existindo a dificuldade em definir o empreendedorismo social, há um consenso sobre algumas características, como sejam intenções de realizar um fim social, ideias criativas e dinâmicas e fins não lucrativos.

Segundo Dees (1998), o termo se origina por volta do século XVII ou XVIII na França e foi designado para todos aqueles que tinham a capacidade de encarar a economia de forma diferente, ou seja, que conseguiam encaminhar seus negócios ultrapassando desafios, modificando a maneira tradicional de gestão de negócios, atribuindo valor ao que estava desvalorizado. O autor também afirma que o empreendedor social é capaz de ir além do conceito de “ajudar o próximo”, ele transforma a vida de pessoas ao seu redor, possibilitando uma mudança perene da realidade do indivíduo.

Bill Drayton, reconhecido como um dos principais pensadores do ES, considera que a pessoa empreendedora é capaz de avaliar um bloqueio na sociedade e solucioná-lo, mudando o sistema, difundindo novas capacidades, criando novos costumes. Afinal “Os empreendedores sociais não se contentam apenas em dar o peixe ou ensinar a pescar. Eles não descansarão enquanto não revolucionarem a indústria da pesca” (Drayton, 2004 como citado em Ferreira, 2005: 12).

Para a melhor compreensão do ES, o conceito de empreendedorismo é fundamental. Dees (1998) entende que a pessoa Empreendedora tem a capacidade de aumentar a produtividade de um setor com pouco movimento econômico, e ao surgirem transformações no mercado que aparentam ser desfavoráveis, tem a competência de ver o lado bom da mudança e de se beneficiar transformando a realidade e criando oportunidades em qualquer situação.

Diferente da pessoa administradora comum, a empreendedora não limita suas ações por falta de recursos, sempre que necessário procura-os por outras vias para possibilitar a realização do trabalho. Se for indispensável modifica a metodologia de trabalho para se adequar aos recursos que possui, mas sempre encontra uma alternativa para continuar. Outra diferença marcante acentuada por Dees (1998) é a desobrigação de criar uma empresa.

Parente, Costa, Santos e Chaves (2011) também definem, retomando Brouard & Larivet (2009), que o empreendedorismo é capaz de criar ou recriar um produto para ser inserido no mercado, utilizando a criatividade e transformando-o em algo inovador capaz de gerar recursos financeiros. Segundo os Autores, este conceito de empreendedorismo nasce no século XIX com o reconhecimento de que quem empreende cria valores sobre um produto transformando-o em algo rentável, superando expectativas e criando inovações para a sociedade e para o mercado.

Swedberg (2006), ao citar a visão de Schumpeter, entende que a pessoa empreendedora é caracterizada por ser enérgica, líder, ativa, dinâmica, inovadora, criativa, receptiva a mudanças. É responsável por impulsionar o capitalismo criando novidades no mercado assim como formas de produzir e vender mais eficientes e menos caras do que as que já são utilizadas.

Para trazer o conceito de empreendedor para uma realidade mais próxima a este trabalho, retomamos Ferreira (2005) que, tendo em conta um pouco da realidade do conceito em Portugal, compreende que o termo é normalmente utilizado para iniciativas de caráter lucrativo, individuais ou coletivas, que têm em comum, características inovadoras.

A autora mostra que o crescente interesse no empreendedorismo foi fundamental para o surgimento do conceito de ES. Ao citar Dees (2001), ela compreende que o/a empreendedor/a social tem as características inovadoras e reformadoras da pessoa empreendedora, mas possuem uma missão social. A autora destaca algumas características que tornam o/a empreendedor/a social em agente de mudança:

- Fazem mudança social no modo como as coisas são feitas nesse sector;
- Atacam as causas dos problemas ao invés de tratar apenas os sintomas;
- Pretendem reduzir as necessidades e não apenas satisfazê-las;
- Tentam criar mudanças sistêmicas e melhorias sustentáveis;
- Apesar de agirem localmente, as suas ações têm o potencial de estimular melhoramentos globais nas arenas escolhidas.

(Ferreira, 2005:12).

As criações inovadoras sem fins lucrativos ao agregarem o empreendedorismo às suas atividades criam o ES. Este possui fins sociais com atividades lucrativas, ou seja, maximiza o valor social trabalhando de forma a criar possibilidades futuras para quem está envolvido, gerando lucro e mudança social ao mesmo tempo.

O ES é realizado a partir de uma motivação, e o critério central da missão está relacionado com um fim social. Deste modo, a riqueza se torna apenas uma ferramenta para alcançar este fim social. O impacto social que os empreendedores sociais almejam é de longo prazo, sempre visando uma modificação sistémica, que altere todo um costume, vício, da sociedade. Não são propostas temporárias, são revolucionárias.

### *1.2.2 Classificação de Empreendedorismo Social*

A forma de desenvolver o ES pode ser independente (individual), a pessoa não precisa estar vinculada a uma organização, para criar um negócio sustentável e ao mesmo tempo importante para o coletivo. O empreendedorismo coletivo se distingue do individual, por possuir mais agentes e objetivar o bem comum a partir de um problema.

Outra forma de classificar o ES, é compreendido por Alvord, Brown e Letts (2004) por três tipos: 1. *Combinação entre empresas com impactos sociais e organizações sociais com métodos empresariais* – os agentes sociais utilizam técnicas do mercado para fins sociais, e as empresas possuem em sua missão fins sociais. Desta forma, tentam garantir a sustentabilidade do projeto e o impacto social. 2. *Inovação para o impacto social* – quem empreende, neste caso, foca-se em inovações que resolvam problemas sociais, sendo os lucros voltados para a mudança social. 3. *Forma de catalisar a transformação social* – a pessoa empreendedora consegue agir ultrapassando a solução do problema, transformando-o nas suas causas. Isto acarreta uma mudança social em longo prazo com grandes impactos.

Cada ação empreendedora pode mobilizar um tipo de mudança em esferas políticas, econômicas e culturais. Na esfera política pode acarretar novas políticas públicas, beneficiando grupos excluídos que reivindicam os seus direitos; na esfera econômica, novos grupos são beneficiados financeiramente, além dos que normalmente já o são; na esfera cultural, há uma mudança no pensamento coletivo, que possibilita a quebra de costumes e tradições que melhoram a qualidade de vida das pessoas.

### *1.2.3 Relação entre Inovação Social e Empreendedorismo Social*

O ES estabelece a médio e longo prazo, com as transformações sociais, medidas inovadoras que proporcionam uma mudança de mentalidades e papéis sociais, impactando na forma como a sociedade se caracteriza e se organiza, nos diferentes setores.

O conceito de Inovação Social (IS) neste trabalho é importante para compreender a relação de impacto social que o ES pode atingir ao se transformar em uma Inovação social.

A inovação social é um termo normalmente utilizado, assim como o empreendedorismo social, pelo terceiro setor, para designar propostas que possibilitem a melhoria social em áreas em que o Estado se tornou insuficiente, como educação, saúde, pobreza, emprego, desenvolvimento local, ou exclusão social de forma geral. A mobilização de ações voluntárias, iniciativas de economia solidária, organizações não governamentais são exemplos de iniciativas criadas para sanar dificuldades que são excluídas pelo poder

público, por este motivo, as IS normalmente não estão ligadas ao setor público ou à influência do mercado (André e Abreu, 2006). A IS pode ser caracterizada como:

[...] um modo de criar novas e mais efetivas respostas aos desafios enfrentados pelo mundo hoje. É um campo em que não há limites, que pode ser desenvolvido em todos os setores, público, sem fins lucrativos e privado, e no qual as iniciativas mais efetivas ocorrem quando existe colaboração entre os diferentes setores, as partes interessadas e os beneficiários. Inovação social é uma nova ideia ou uma ideia melhorada que, simultaneamente, atende as necessidades sociais e cria novas relações sociais. É um fenômeno capaz de elevar a capacidade de agir da sociedade (Murray, 2010 *apud* Juliani, Juliani, Souza e Harger, 2014: 23).

O conceito de IS difere do termo “Inovação Tecnológica” a partir do momento em que a segundo tem a finalidade do lucro. A Inovação Tecnológica surgiu com o objetivo de ser útil para o mercado, os investidores principais desta tecnologia são empresários motivados pelo lucro que será gerado por esta inovação. Assim, a finalidade dela é o crescimento econômico.

Já a IS surgiu com uma proposta contrária, uma alternativa aos resultados gerados pela Inovação Tecnológica – como a difusão do mercado e a perpetuação das desigualdades sociais. A IS aparece como uma resposta para estes problemas, utilizando a criatividade – os atores sociais propõem uma forma de mudar a realidade social, quebrando paradigmas que foram perpetrados pelo atual modelo de mercado. A IS pode ser caracterizada, principalmente, como uma forma de realizar uma mudança sistêmica, como em André e Abreu (2006), que entendem a IS como ações reconhecidas socialmente capazes de gerar mudanças sociais associadas a três atributos:

(i) Satisfação de necessidades humanas não satisfeitas por via do mercado; (ii) promoção da inclusão social; e (iii) Capacitação de agentes ou actores sujeitos, potencial ou efectivamente, a processos de exclusão/marginalização social, desencadeando, por essa via, uma mudança, mais ou menos intensa, das relações de poder (André e Abreu, 2006: 124).

Através da definição criada pelos autores, é perceptível a vinculação da IS com a mudança social. A inovação deve ser vista como a possibilidade de mudança da sociedade para um patamar em que ocorram melhorias para todos, através da igualdade, tanto em condições de existência, quanto na distribuição de oportunidades. A verdadeira inovação social causa uma mudança sistêmica, ou seja, modifica todos os meios que ela atinge.

É importante destacar uma relação em ES e IS. Autores como Dees (1998) e Mulgan (2007) defendem que as inovações geradas pelo ES criam valores sociais capazes de responder a problemas em contextos desfavorecidos, que revolucionam os tipos de produção e sustentabilidade, promovendo um impacto social nas comunidades envolvidas. Entretanto, Mulgan (2007) destaca que nem todas as iniciativas de ES se transformam em inovações sociais, algumas empresas sociais podem tornar-se inovadoras, mas isso não é uma regra. Existem os empreendimentos sociais que não geram inovação, assim como inovações sociais que surgiram sem o envolvimento com o ES ou com empresas sociais.

#### *1.2.4 A Sustentabilidade e os desafios nas Empresas Sociais*

Nos seus estudos, Oliveira (2011) considera que as organizações do terceiro setor tiveram que reordenar sua forma de gestão, visando estratégias de captação de recursos, para atender as demandas que crescem com o movimento da responsabilidade social empresarial, principalmente, devido às mudanças das rotinas das organizações que passaram a adotar diferentes dinâmicas administrativas.

O crescimento do chamado empreendedorismo social, ou seja, um misto da lógica de mercado aplicada a lógica social, em outros termos, são pessoas (empreendedores sociais) que criam novos arranjos institucionais para intervir na realidade de modo a gerar resultados com poucos recursos, tendo as ferramentas e princípios da gestão de organizações do primeiro setor como mote de ação operacional (Oliveira, 2011: 2).

Oliveira (2011) identifica o padrão de gestão na perspectiva do empreendedorismo social e explica que a lógica empreendedora privada é posta a serviço do âmbito social, conseqüentemente gera resultados coletivos para uma sociedade destacando que,

A inovação, no sentido de renovar as estratégias de enfrentamento das grandes demandas sociais de nosso país, já não é uma questão de alguns setores, mas de toda a sociedade. Com isso percebe-se que emerge gestão social híbrida, onde os vários órgãos públicos, em suas três esferas, as empresas e as organizações sociais, se unem para enfrentar de formas diversas as grandes demandas das expressões da questão social, em específico, o enfrentamento à pobreza e da inclusão social, via geração de trabalho e renda (Oliveira, 2011: 3).

Esse empenho, direcionado pela lógica do empreendedorismo social, segundo o autor, tem ocasionado, mesmo que às vezes não intencionalmente, o surgimento do que temos chamado de Gestão Social Integrada, Sustentável e Solidária.

No âmbito nacional, a discussão sobre a definição das complexas questões sociais e seu desenvolvimento em bases sustentáveis tem ressaltado a necessidade da corresponsabilidade assim como a complementaridade entre as ações efetivadas pelos diversos setores e atores que atuam no campo social.

A interação de ações e agentes que implementam políticas públicas propicia a troca de conhecimento sobre as distintas experiências, proporciona maior racionalidade, qualidade e eficácia às ações desenvolvidas e visa evitar superposições de recursos e competências, dentre outros (Oliveira 2011, p. 26).

Wallace (2005) defende que entender o termo sustentabilidade é considerar todos os seus diversos subtemas. Para a autora existem três vertentes principais que permeiam as teorias sobre sustentabilidade em empresas sociais, que são: a ambiental, a econômica e a social.

- A sustentabilidade ambiental tem como pressuposto que os recursos naturais não são eternos, e se irão esgotar com uso contínuo (Dyllick e Hockerts 1999 *apud* Wallace, 2005). Os exemplos de empresas sociais que se engajaram nesta vertente têm o objetivo de criar alternativas para o desperdício, para a poluição, ou para a reciclagem de resíduos.
- A sustentabilidade econômica está relacionada com a efetivação de metas financeiras. Entretanto, empresas sócias (a autora refere-se ao Reino Unido) tendem a realizar suas metas junto com a efetivação de alternativas sociais que geram o capital social, este designado (por Putnam, 2000, *apud* Wallace 2005) como normas, valores, confiança, regras e relações, alinhadas com a coesão social.
- A sustentabilidade social relaciona-se com a gestão do capital social. Os interessados na iniciativa devem enxergar os valores e as motivações que movem a empresa de forma agregada à promoção da democracia, à internalização do capital social e à valorização social para a comunidade em que atua.

Desta forma, ser autossustentável, em suas diversas vertentes, é imprescindível para o sucesso de qualquer empreendimento social. Entretanto, é importante preservar o objetivo

e a missão da organização, de forma a evitar que estes se percam com o tempo e as dificuldades a serem enfrentadas.

Zape (2007), retomando Sachs (2002), explica que o termo sustentabilidade tem sido conceituado a partir de diferentes abordagens como: econômico, ambiental, social, política, cultural, territorial, político nacional e político internacional. Para organizações do terceiro setor, segundo a autora, a principal vertente da sustentabilidade a ser estudada é a econômica, pois existe uma dificuldade nas organizações em captarem recursos e os manterem de forma contínua. Outro motivo é a ligação de dependência que existe entre o fator econômico e os demais, afinal, sem os recursos financeiros a dificuldade de ação torna-se muito maior.

Para organizações do terceiro setor a dificuldade em angariar recursos torna-se mais difícil por estes serem, normalmente, advindos dos mesmos financiadores. A autora destaca que como forma de garantir a “sobrevivência” da organização, é comum elas adotarem estratégias típicas dos outros setores (primeiro e segundo setor) para se tornarem mais aptas. Estas práticas têm influenciado negativamente nos valores e funcionamento interno de algumas organizações que acabam se corrompendo pela dificuldade enfrentada.

Assim como Zape (2007), Moura e Meira (2014) ao realizarem um estudo sobre uma cooperativa em Ponta dos mangues no Estado de Sergipe, identificaram algumas dificuldades no desenvolvimento do empreendimento solidário. Paul Singer (*apud ibidem*), assim como Zape (2007), fala sobre a desvirtualização do empreendimento em seu caráter solidário, após a expansão do negócio social.

Lisboa (1999 *apud* Moura e Meira, 2010) reforça a ideia de que o empreendimento solidário passa por diversas dificuldades em seu cotidiano e que os esforços para as sanar acabam por se mostrarem insuficientes. Entre as dificuldades:

[...] Carência de capital de giro; acesso ao crédito; *desing*, controle de qualidade, comercialização, tecnologia e ambiguidade da propriedade dos meios de produção; além dos problemas decorrentes de barreiras legais, da carência de entidades de apoio e de padrões gerenciais adequados (*idem Ibidem* [?])

Moura e Meira (2014) também identificaram um problema no desenvolvimento da gestão de projetos sociais, se a mão-de-obra não participa ativamente da gestão do empreendimento, havendo uma barreira entre o trabalho manual e o trabalho intelectual.

Como justificativa a esse problema, os autores identificaram a indisponibilidade para exercerem a gestão do empreendimento naqueles que produzem o trabalho manual. Entretanto, os cooperados consideram que poderiam continuar com o empreendimento, caso os gestores se ausentassem, portanto que continuassem a trabalhar juntos. A falta de confiança em se auto-gerirem que os cooperados demonstraram neste estudo revelou aos autores uma contradição em relação à percepção de que conseguiriam gerir o empreendimento, caso precisassem.

A partir do exposto, os autores concluíram que há uma necessidade de romper as barreiras entre o trabalho manual e o intelectual em um empreendimento solidário, muito comuns em projetos realizados entre um grupo de pessoas excluídas e uma organização externa. Superar esta dificuldade requer tempo para realizar ações de formação para aqueles que desenvolvem o trabalho manual, e prepará-los para o desenvolvimento de atividades gerenciais.

A independência financeira, almejada pelas organizações, incentiva a busca pela profissionalização da gestão através de métodos e técnicas provenientes de práticas do governo e do Estado. Para Zape (2007), essas práticas podem afetar o objetivo da organização com relação às transformações sociais.

### **1.3 O trabalho e empreendedorismo realizado por mulheres**

Durante muitos séculos a mulher foi considerada inapta para praticar algumas atividades comuns que historicamente foram conduzidas por homens, pois assim determinava o discurso patriarcal e moralizador. Mesmo sendo a maioria absoluta do Brasil, as mulheres continuam sendo tratadas como o “outro”. Segundo a estudiosa revolucionária Simone de Beauvoir (1970), a mulher assume o papel do outro na sociedade, ou seja, não é a protagonista nem de sua própria história, todos seus atos e pensamentos acabam sendo baseados em atitudes e percepções advindas de homens, os quais definiram as leis, as regras sociais, o conhecimento e o papel da mulher.

Este conceito de Beauvoir retrata uma perspectiva que define o papel das mulheres na sociedade contemporânea. Elas assumem o papel do outro, aquele diferente, que não faz parte do grupo, que não tem a mesma importância, que está ali para complementar, pois não valeria por si.

Quando se fala no papel do outro é inevitável não pensar em minorias. Os negros que foram trazidos para o Brasil para serem escravos são um bom exemplo. Vieram em minorias, chegaram e se tornaram os outros, foram usados durante anos pela maioria – homens e mulheres de cor dita branca, descendentes de Portugueses. Entretanto, em dado momento da história do Brasil os escravos negros adquiriram direitos sociais. Ainda hoje, esses direitos não são suficientes para que os negros tenham as mesmas oportunidades que a “maioria” (termo que não se aplica na realidade heterogênea do Brasil), por esta razão existem políticas sociais que contribuem para contrariar essas desigualdades, como o sistema de cotas. Este exemplo demonstra que nunca fez parte do grupo, alguém externo que apareceu de repente, imposto, em um dado momento da história.

Contudo, o outro quando se trata das mulheres é um outro que sempre esteve presente, Beauvoir (1970) questiona este outro, que não é a minoria – no caso do Brasil, corresponde a mais de metade da população - e não é visto como um ser completo, alguém que mereça direitos iguais aos homens.

A partir do século XX ocorreram as maiores vitórias em questões de visibilidade e igualdade. As lutas sociais e a educação foram fundamentais para o crescimento dos direitos civis e políticos das mulheres. A partir dos anos 70, os processos socioeconômicos e as tecnologias influenciaram as concepções sociais, como o casamento e a família. A igualdade entre homens e mulheres passa a ser identificada como algo tangível, embora ainda muito distante.

Na década de 2000 foi perceptível, através das tecnologias de mídias sociais, um crescimento na disseminação dos valores feministas, que preconizam a igualdade entre homens e mulheres em diversos setores como a igualdade salarial, igualdade de representação política, igualdade de escolhas.

É visível o empoderamento que a década atual, com as novas tecnologias, gera em diferentes mulheres, independentemente da etnia ou classe social. Há uma crescente união entre o sexo feminino, que acende o reconhecimento de suas capacidades, dando-lhes confiança e poder para atuar nas áreas que desejem.

Entretanto, os papéis sociais que ditam as atitudes femininas e as masculinas são tão presentes no dia-a-dia que se tornam quase imperceptíveis, são as chamadas “naturalização” e “biologização”, práticas que definem o gênero como características biológicas da pessoa (Favero, 2010).

Loureiro e Cardoso (2008) entendem que esta naturalização do gênero é um processo de construção que começa desde a infância, durante a qual mulheres e homens são criados de maneiras diferentes, desde a forma como se devem comportar até aos brinquedos que ganham. As meninas sempre incentivadas a construir um lar e a serem mães, já os meninos, ao contrário, são sempre encorajados a competir e a desenvolverem habilidades.

Segundo Favero (2010), a capacidade de reprodução da mulher (engravidar) durante séculos foi entendida como o elemento incapacitante para exercer outras atividades. A mulher teria sua vida voltada para a reprodução, o que absorvia todas as suas energias, impossibilitando outras funções. A mulher tinha apenas uma posição na sociedade o de reproduzir, ser mãe e esposa. Por esta razão, o seu desenvolvimento intelectual era reduzido em comparação com o dos homens, tornando as mulheres intelectualmente inferiores.

Assim, podemos dizer que a naturalização está na base de todos os raciocínios circulares do passado, que procuraram no argumento de “causa natural”, justificar uma suposta inferioridade feminina em contrapartida a uma suposta superioridade masculina (Favero 2010:181).

Como também referido por Pettersson e Hedin (2010), o dado biológico não implica as características comportamentais femininas e masculinas, o comportamento é definido através da interação social e histórica da humanidade. Ou seja, o gênero é algo que “está sendo feito” e não algo que “é”. As autoras também destacam que esta perspectiva de gênero não entende a relação de homens e mulheres iguais e dependentes uma da outra, uma vez que o primeiro se organiza como hierarquicamente superior ao segundo e possuem o poder na sociedade.

As ideias pré-concebidas a respeito de gênero estão difundidas na sociedade como uma forma cultural de comportamento e representação, por isso há uma intensa dificuldade de romper com estes estereótipos. Neste sentido, elas se definem como um fator de desigualdade na qual as características atribuídas como femininas incapacitam mulheres de atuarem no mundo do trabalho em cargos de liderança (Loureiro e Cardoso 2008).

Alguns autores (ex., Lipman-Blumen, 1984) argumentam que as diferenças atribuídas a ambos os sexos são desvantajosas para as mulheres na medida em que são os homens que detém o poder e, como tal, as suas características tendem a ser valorizadas em detrimento dos traços que socialmente caracterizam as segundas. São os homens que controlam as instituições sociais e as estruturam segundo as suas

conveniências (Lipman-Blumen, 1984). As mulheres, sendo o grupo menos poderoso, não intervêm na definição das regras, das normas sociais e sua regulamentação e, por isso, são sempre as “segundas melhores” (Northcraft & Gutek, 1993) (Loureiro e Cardoso 2008:224).

Nesta perspectiva, seguiremos a concepção de gênero definido como uma desvantagem social proveniente de interações sociais. Os papéis de gênero, construídos historicamente, até hoje são fortes perspectivas sociais, que criam uma visão determinista das mulheres e classificam os sistemas instituídos como masculinos e femininos incluindo e excluindo funções e responsabilidades.

Para este trabalho o conceito de gênero é relevante para entendermos as relações sociais construídas e os reflexos que elas produzem em variados aspectos na vida das mulheres. Como ênfase destacamos o trabalho, como atividades conjuntas para determinado fim, e o empreendedorismo, como alternativa para construir projetos e atividades lucrativas.

### *1.3.1 A mulher e o trabalho*

Atualmente, a imagem de uma mulher que trabalha fora de casa já se tornou comum, após séculos de luta contra o patriarcado algumas mulheres já possuem liberdade para decidir os caminhos que querem seguir na sua vida, entretanto, não sem dificuldades. O estereótipo da mulher como incapacitada para desenvolver algumas atividades consideradas masculinas ainda dificultam a inserção da mulher no mundo do trabalho, assim como a sua ascensão na carreira. Segundo Probst:

No Brasil, as mulheres são 41% da força de trabalho, mas ocupam somente 24% dos cargos de gerência. O balanço anual da Gazeta Mercantil revela que a parcela de mulheres nos cargos executivos das 300 maiores empresas brasileiras subiu de 8%, em 1990, para 13%, em 2000. No geral, entretanto, as mulheres brasileiras recebem, em média, o correspondente a 71% do salário dos homens. Essa diferença é mais patente nas funções menos qualificadas. No topo, elas quase alcançam os homens (2015: 1).

Esses dados demonstram que mesmo sendo quase metade da força de trabalho no Brasil, as mulheres ainda sofrem com a desigualdade salarial, recebendo 29% a menos que os homens ocupantes de cargos semelhantes (*Ibidem*).

A autora também destaca que numa empresa atualmente é possível 80% dos seus trabalhadores serem mulheres, mas apenas 10% dessas mulheres ocuparem cargos de relevância como chefia. Isto mostra a falta de confiança que a sociedade impôs à imagem da mulher, como incapaz de tomar decisões e assumir lideranças.

A autora defende que a história da mulher no mercado de trabalho, no Brasil, está sendo delineada e baseada, fundamentalmente, em dois quesitos. O primeiro corresponde a uma queda da taxa de fecundidade, o segundo em um aumento da escolarização das mulheres.

É importante destacar que a responsabilidade atribuída às mulheres com a maternidade ainda é bastante desigual. Pois como destaca Loreiro e Cardoso (2008), os homens ao trabalharem fora de casa (muitas vezes até os que não trabalham) se eximem das responsabilidades de cuidar do lar e dos filhos. Ao contrário, as mulheres, ao trabalharem fora de casa, somam as responsabilidades, recebendo pouco ou nenhum auxílio dos maridos. Esta diferenciação é coerente com as normas sociais estabelecidas e tem que ver com toda uma herança cultural transmitida através das gerações. Ao marido e pai está incumbida a tarefa de zelar pela sobrevivência da família, à esposa e mãe a missão de cuidar da casa, do marido e dos filhos (Loreiro e Cardoso 2008: 226).

Este motivo contribui para que as mulheres venham, cada vez mais, a adiar projetos pessoais, como a maternidade, assim como a redução do número de filhos. Esses fatores colaboram elevando as condições para a continuidade da mulher no mundo do trabalho, aumentando a oportunidade de conciliar o trabalho doméstico com o trabalho externo.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE destaca “o setor dos serviços como o maior gerador de empregos formais do país e a área de atuação profissional em que as mulheres mais inovam e onde têm maior potencial de crescimento”, demonstrando que, em 33% dos casos, as mulheres escolhem atividades ligadas ao comércio de retalho, 20% investem em alimentação, e 12% apostam na indústria de transformação aquela que compreende as atividades que envolvem transformação física, química e biológica de materiais, substâncias e componentes para obter produtos novos (*apud* GEM, 2007: 78).

Os estudos de Amorim e Batista (2010) enfatizam que, mesmo que ainda se perceba desigualdade entre o gênero feminino e o masculino, as mulheres vêm conquistando seu espaço de forma ativa. Com efeito, elas possuem como características, construídas

socialmente, sensibilidade, empatia, comprometimento e vontade de ajudar. Segundo os autores essas características são benéficas, visto que:

[...] são algumas das características que auxiliam uma mulher a se tornar uma empreendedora de sucesso na área de serviços por exemplo. Nesse setor essas características facilitam o trabalho que requer facilidade de relacionamento (com clientes, colaboradores, comunidades, etc.), possibilitando um desenvolvimento diferenciado e inovador. Quando a mulher parte de algo que lhe é comum e fácil, sua possibilidade de acerto aumenta (2010: 5).

Destacam, ainda, que nas mulheres podemos observar a existência de um grande sentimento de comunidade, cooperação, por meio do qual os membros da organização se unem, e aprendem a acreditar e a cuidar uns dos outros.

### 1.3.2 *Empreendedorismo Feminino*

O Empreendedorismo é uma das tendências que tem forte crescimento no Brasil, na qual há grande porcentagem de mulheres atuantes. De acordo com um estudo realizado pela *Serasa Experian* (2013), o Brasil possui 5.693.694 mulheres empreendedoras. O que significa que 43% das pessoas empreendedoras no país são mulheres. A sua idade média é 44 anos.

Outra pesquisa realizada pela *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM, 2014), com o intuito de compreender o papel do empreendedorismo no desenvolvimento econômico dos países, constatou que no Brasil homens e mulheres são igualmente ativos em termos de atividade empreendedora inicial.

A mulher empreendedora é apontada como sendo uma ilustração da autonomia e autossuficiência feminina. Tendo em vista a dificuldade em conseguir os empregos almejados, o empreendedorismo se torna uma alternativa informal para o sustento de algumas mulheres. A falta de oportunidades em diversos ramos empregatícios e os baixos salários tornam o trabalho autônomo uma alternativa.

Entretanto, o desafio de romper barreiras sociais e trabalhar em um negócio próprio em prol da independência financeira é uma tarefa difícil para mulheres que já possuem uma renda fixa e ainda mais complexa para aquelas que ainda não a alcançaram. O trabalho autônomo requer renda inicial e disponibilidade. Estes requisitos já excluem algumas

mulheres que não possuem nenhum tipo de renda e são ainda mais excludentes para aquelas que precisam cuidar de seus filhos, uma vez que ficam sem tempo disponível.

Os diferentes papéis sociais atribuídos às mulheres são até hoje prejudiciais também ao exercício do trabalho. Empreender pode ser uma fuga a esses estereótipos, tendo em vista que no trabalho autônomo a empreendedora poderá se autogerir. Para se iniciar no empreendedorismo é importante que a mulher deseje, use da sua criatividade, inove, se motive, assuma riscos e possa ter acesso a alguns recursos indispensáveis.

Na pesquisa realizada por Eva Jonathan (2005), ela identificou algumas características de mulheres empreendedoras, neste caso sem especificar o tipo de empreendedorismo ou a renda das entrevistadas. A autora destaca que essas mulheres têm maiores índices de satisfação pessoal do que aquelas que trabalham de forma contratual. Ser dona do próprio negócio facilita o reconhecimento do trabalho bem feito e a mulher empreendedora possui autoridade para gerir de acordo com suas próprias regras.

A respeito da satisfação demonstrada no estudo, a autora identificou alguns pontos:

- *Auto realização*: as mulheres se sentem realizadas em gerir o próprio negócio em comparação com as que trabalham por conta de outrem.
- *Criatividade e afirmação dos próprios valores*: mulheres empreendedoras possuem mais confiança para fazer escolhas e agir com autoridade ou criatividade, o que proporciona liberdade pessoal e emancipação.
- *Identificação*: as mulheres se identificam com o trabalho de maneira afetiva, sentindo prazer naquilo que fazem.
- *Satisfação do cliente e reconhecimento do mercado*: as mulheres mostraram que a aceitação no mercado de trabalho promovia uma satisfação pessoal ao agradar aos seus clientes.

O trabalho autônomo também gerou nas mulheres contactadas no âmbito daquela pesquisa o interesse por cursos profissionalizantes, a fim de se atualizarem para o trabalho qualificando suas ações para as mais interessantes para o mercado. A satisfação pessoal abordada pela autora estava principalmente ligada ao fato de terem autonomia no trabalho e poder de decisão.

Na pesquisa realizada por Jonathan Levie e Mark Hart (2011), com base nos dados do relatório anual do GEM – Reino Unido, ao rever a literatura de Levie *et al.* (2006) constatou oito temas interessantes para a investigação sobre diferenças entre

empreendedores sociais e empresários de negócios. Em um dos temas se iniciou a discussão sobre a representatividade de mulheres no empreendedorismo social.

Levie e Hart (2011), ao citarem a pesquisa feita em 2006, mostram que as pessoas empresárias no setor lucrativo eram duas vezes mais propensas a serem homens do que mulheres, entretanto, no empreendedorismo social a representatividade feminina é semelhante à masculina. Os autores relacionam este fato com as oportunidades que surgem para pessoas atuantes no mercado de trabalho. Desta forma, como os homens tendem a ter maior taxa de participação no mercado de trabalho, as oportunidades de negócios surgem mais para eles do que para as mulheres.

A pesquisa mostra que na idade entre 14 a 24 anos as mulheres são três vezes mais propensas a realizarem atividades de empreendedorismo social do que a atividade de empreendedorismo para os negócios. Já na idade de 25 aos 34 anos, as mulheres preferem investir no empreendedorismo de negócios. Na idade de 35 aos 64 anos, o número de mulheres que investe em empreendedorismo de negócios e no empreendedorismo social é quase igual, com diferenças mínimas.

Isto demonstra que há um interesse nas mulheres em atividades empreendedoras tanto em negócios quanto sem fins lucrativos. Entretanto a representatividade de mulheres empreendedoras continua sendo menor que a dos homens. Este fato pode ser explicado através das barreiras que são criadas com base nas diferenças de gênero. Em outra pesquisa, desta vez realizada por Colette Dumas (2001), a autora identifica uma visão geral sobre as barreiras que são enfrentadas por mulheres dentro do empreendedorismo, com foco em mulheres de baixa renda. Entre as barreiras se incluem a falta de incentivo do empreendedorismo dentro da família, nas escolas, na sociedade em geral. As atitudes discriminatórias com relação a gênero e estereótipos, como as de que mulheres empresárias não possuem autoconfiança, tornam-se grandes barreiras.

Para as mulheres de baixa renda a situação é ainda pior, pois existem barreiras específicas criadas por suas situações financeiras. As limitações começam na ajuda financeira que podem ter com programas sociais de governo, e são insuficientes para iniciar um negócio próprio. O tempo que elas dispõem para se dedicar ao trabalho também interfere negativamente na sua situação de empreendedoras.

Em sua pesquisa, a autora procurou documentar os resultados da formação de 55 participantes de um programa comunitário com o objetivo de formar empreendedoras, no

Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. Para isso, ela utilizou no primeiro momento entrevistas focalizadas de grupo, e após dois anos utilizou entrevistas semiestruturadas para colher o feedback.

Como principais resultados do estudo, a autora destaca a eficaz contribuição dos programas que incentivam o/a microempreendedor/a. As participantes aprenderam sobre gestão de empresas, melhorando suas habilidades e o pensamento crítico. O programa também auxiliou em melhorias particulares como habilidades, opções de vida e autoestima.

As pesquisas aqui apresentadas demonstram que, em diversos lugares do mundo, a gestão do próprio negócio nas vidas de diferentes mulheres resultou em benefícios. Tanto quando auxiliadas por programas sociais ou por iniciativa própria. Empreender o próprio negócio se apresenta como uma alternativa viável de rentabilidade econômica perante um mercado competitivo e excludente, no qual a entrada e o crescimento profissional das mulheres são difíceis. No entanto, iniciar o próprio negócio requer habilidades e competências para obter êxito, o que torna esta atividade dificultosa para mulheres que possuem baixa renda. Neste sentido, a atuação de programas e atores sociais se torna importante para auxiliar casos de pessoas com baixa renda, baixa escolaridade ou em situações de risco.

#### **1.4 A Capacitação**

Para entendermos a abordagem da capacitação, primeiramente, é importante nos situarmos no momento histórico em que vivemos. Este é caracterizado por um crescimento econômico que foi, durante séculos, perseguido por ser uma característica ilusória de desenvolvimento social.

Sen (1999) questiona o crescimento econômico como uma característica não proporcional ao desenvolvimento. Para o autor, a riqueza e os bens materiais não são sinônimos de qualidade de vida, e, por este motivo, ele indaga nossa necessidade de sempre estarmos em busca de meios de angariar riqueza para termos mais bens materiais e assim conseguirmos um momento breve de felicidade que irá durar até ao próximo desejo consumista.

Entretanto a necessidade de ter riqueza está relacionada com as liberdades que a renda permite, não sendo um fim em si mesmo. Sendo assim, o desejo pelas riquezas “(...) não acontece porque elas sejam desejáveis por si mesmas, mas porque são meios admiráveis

para termos mais liberdade para levar o tipo de vida que temos razão para valorizar.” (Sen, 1999: 28).

O crescimento financeiro é apenas uma ferramenta que pode ser útil para conseguir outras coisas. O verdadeiro sentido da vida, a razão de viver, é um produto relacionado (também) com outros fatores. Para o autor o desenvolvimento vai muito além do crescimento econômico, mas sem desconsiderá-lo, devemos enxergar além dele. Assim, “O desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhora da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos” (Sen, 1999: 29).

O autor explica que as liberdades são as responsáveis por tornar nossas vidas significativas, nos tornando mais participativos socialmente, possibilitando a prática de atividades em geral, interagindo e abrindo possibilidades com o mundo. Ele ressalta que há diversas formas de privação das liberdades, desde condições básicas existenciais (como alimentação, saúde e educação) que vários grupos vulneráveis não têm acesso, até a privação de direitos civis e políticos.

Outra questão a respeito da privação de liberdade é discutida no âmbito das desigualdades entre homens e mulheres. As mulheres têm altíssimos graus de privação de liberdades substantivas, de diversas formas. Nussbaum (2003) discute sobre isto ao questionar algumas liberdades que são defendidas na obra de Sen como pleno direito do ser humano, considerando que existem casos em que a liberdade de um priva a de outrem. Mais adiante retornaremos a este assunto.

Para ficar mais claro, para Sen (1999: 32) a liberdade estaria vinculada a dois aspectos fundamentais:

1. *Os Processos*: Que permitem a liberdade de ações e decisões
2. *As Oportunidades*: reais que as pessoas têm dadas as circunstâncias pessoais e sociais.

Estes aspectos podem ser discutidos em diferentes níveis e complexidades, e são importantes para o desenvolvimento que tem nas liberdades das pessoas os elementos básicos.

A Capacidade surge neste contexto como uma forma de expansão da pessoa para conseguir alcançar o estilo de vida almejado, levando em consideração a razão pessoal, e eliminando as privações de liberdade que diminuem as oportunidades. No contexto da Capacidade, a renda individual pode ser fator de privação, no sentido em que a falta dela

possa ser motivo de falta de tratamentos médicos, de transporte ou acesso à educação. Entretanto esta relação não é absoluta, outros fatores, como políticas públicas, podem intervir positivamente no desenvolvimento da Capacidade. Sendo o desenvolvimento fruto da expansão das capacidades, que são reflexos das liberdades pessoais.

A condição das mulheres, neste contexto, é marcada historicamente com grandes privações de suas liberdades. Entretanto o autor enfatiza que mais que do garantir o bem-estar das mulheres é importante que elas assumam a condição de agentes da sua mudança, tendo responsabilidades pelas capacidades adquiridas. Sobre o assunto:

Já não mais receptoras passivas de auxílio para melhorar seu bem-estar as mulheres são vistas cada vez mais, tanto pelos homens como por elas próprias, como agentes ativos de mudança: promotoras dinâmicas de transformações sociais que podem alterar a vida das mulheres e dos homens (*Ibidem* 246).

O autor enfatiza a importância da condição de agente das mulheres ao exemplificar as iniquidades que elas sofrem, como os altos índices de mortalidade existentes na Ásia e África, e mostra que o bem-estar delas é influenciado a partir das seguintes variáveis (*Ibidem*: 249):

- Potencial das mulheres para auferir uma renda independente.
- Encontrar emprego fora de casa.
- Ter direitos de propriedades.
- Ser alfabetizadas.
- Participar como pessoas instruídas nas decisões dentro e fora da família.

Estas variáveis, por mais amplas que pareçam, são contribuições fundamentais para a independência e ganho de poder das mulheres. A condição de agente é importante como um fator de desenvolvimento que afeta tanto mulheres quanto homens, em questões estruturais da sociedade como a sobrevivência das crianças e redução da taxa de fecundidade.

Ao contrário de Sen (1999), para Nussbaum (2003) é eficaz a criação de uma lista específica de Capacidades essenciais Humanas, como forma de efetivar uma comparação na qualidade de vida como também para exemplificar as capacidades e permitir a criação de políticas públicas, direitos e garantias fundamentais para as pessoas.

A Lista de Capacidades de Mulheres para o Desenvolvimento Humano da autora parte, primeiramente, da premissa de que a dignidade da pessoa é fundamental para

desenvolvimento pleno da vida humana. A partir desta premissa a autora justifica dez capacidades a serem desenvolvidas por mulheres para que elas vivam com dignidade.

#### Quadro I - As capacidades humanas

	<b>Categorias</b>	<b>O que significam</b>
1.	Vida	Ser capaz de viver uma vida humana em tempo normal; não morrer prematuramente, ou ter uma vida tão reduzida a ponto de não valer a pena vivo.
2.	Saúde Corporal	Ser capaz de ter uma boa saúde, incluindo saúde reprodutiva; ser alimentada adequadamente; ter abrigo adequado.
3.	Integridade Física	Ser capaz de se mover livremente de um lugar para outro; estar seguro contra violências, incluindo agressão sexual e doméstica; com oportunidades para satisfação sexual e para a escolha em matéria de reprodução.
4.	Sentidos, imaginação e pensamento	Ser capaz de usar os sentidos para imaginar, pensar com razão - e para fazer essas coisas em um "caminho verdadeiramente humano", uma formação cultivada por uma educação adequada, incluindo, mas por não significa limitado a, alfabetização e formação matemática e científica básica. Ser capaz de usar a imaginação e o pensamento em conexão com produção de obras e eventos de sua própria escolha, religiosas, literário, musical, e assim por diante. Ser capaz de usar a mente de forma protegida pela garantia da liberdade de expressão em relação aos discursos políticos e artísticos, e a liberdade de exercício religioso. Ser capaz de ter experiências agradáveis e evitar a dor não benéfica.
5.	Emoções	Ser capaz de ter ligações com as coisas e pessoas externas; a amar aqueles que amam e cuidam de nós, para lamentar a sua ausência; em geral, para amar, para sofrer, para experimentar desejo, gratidão e justificada raiva. Não ter um desenvolvimento emocional marcada pelo medo e ansiedade. (Apoiando essa capacidade significa apoiar formas de associação humana que são essenciais para o seu desenvolvimento.)
6.	Razão Prática	Ser capaz de formar uma concepção do bem e envolver-se em reflexão crítica sobre o planejamento de sua vida.
7.	Filiação	<p>A. Ser capaz de viver com e para os outros, para reconhecer e mostrar preocupação com outros seres humanos, para se envolver em várias formas sociais de interação; para ser capaz de imaginar a situação do "outro". (Proteger sua liberdade de consciência e de prática religiosa. Capacidade significa instituições que constituem e alimentam tais formas de filiação e também protegem a liberdade de reunião e discurso político.).</p> <p>B. Ter as bases sociais do auto respeito e não humilhação; ser capaz para ser tratado como um ser digno cujo valor é igual ao dos outros. Isto implica disposições de não discriminação</p>

		com base na raça, sexo, orientação sexual, etnia, classe social, religião, nacionalidade.
8.	Outras Espécies	Ser capaz de viver com preocupação em relação aos animais, plantas e o mundo da natureza
9.	Reproduzir	Ser capaz de rir, brincar, para desfrutar de atividades recreativas
10.	Controle sobre o ambiente	<p>A. Política. Ser capaz de participar efetivamente nas escolhas políticas que governar a sua vida; ter o direito de participação política, proteções de liberdade de expressão e de associação.</p> <p>B. Materiais. Ser capaz de manter a propriedade (terra e bens móveis), e ter os direitos de propriedade sobre uma base de igualdade com os outros; ter o direito de procurar emprego numa base de igualdade com os outros; ter a liberdade de busca injustificada e apreensão. No trabalho, ser capaz de trabalhar como um ser humano, exercitando a razão prática, e entrar em relacionamento significativo de reconhecimento mútuo com os outros trabalhadores.</p>

Fonte: Martha Nussbaum (2003).

A autora explica que essas capacidades podem ser especificadas conforme a sociedade. Entretanto, todas elas são minimamente essenciais para a efetivação da justiça social, garantindo os direitos fundamentais. Por esta razão não devem ser desprezadas ou omitidas. Afinal as mulheres não devem ser tratadas como meios para fins de outrem.

## **2. CAPÍTULO- ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO E EMPÍRICO**

Neste capítulo apresentamos os caminhos metodológicos percorridos na realização desta pesquisa como: a) tipo de pesquisa realizada, b) Objetivos Geral e Específicos de Pesquisa; Problema da Pesquisa; Natureza e Procedimentos Técnicos; Técnicas e Coletas de Dados; Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa; Delimitação Geográfica do Locus da Pesquisa e a característica do acesso às comunidades.

### **2.1 Definição do Problema de pesquisa**

Atualmente, muitas são as formas criadas para superar problemas sociais relacionados com a pobreza e a exclusão social. O Estado, com a criação de políticas públicas, ajuda no declínio destes problemas, entretanto, ainda assim, se mostra ineficiente para erradicá-lo. É crescente o número de pessoas que são excluídas e marginalizadas da sociedade e que buscam diversas alternativas para se reinserirem em um contexto social.

Assim, as iniciativas do terceiro setor surgem com o objetivo de “ajudar” o Estado, por meio de diversas instituições e organizações, a combater problemas sociais relacionados com a pobreza - como educação, fome, saúde, entre outros. Nesta lógica os estudos de Oliveira (2011: 1) destacam que “essa aproximação, mesmo que não intencional a nosso ver está fazendo surgir um novo estilo de gestão social, é o que estamos denominando de Gestão social integrada, sustentável e solidária”.

Para o autor os negócios sociais fazem parte dos diferentes setores econômicos e oferecem diversificados produtos e serviços à população, que conseqüentemente diminui suas carências e exclusão do mercado tradicional, combatendo os níveis de pobreza e desigualdades. Inclusão social, geração de renda e qualidade de vida são os objetivos principais dos negócios sociais, que também são economicamente rentáveis.

No Brasil existem diversas iniciativas de empreendedorismo social se consolidando como formas de apaziguar disparidades socioeconômicas, pela degradação do trabalho formal e o aumento dos índices de desemprego.

Dessa forma, a pesquisa em empreendedorismo, em nosso país, assume uma dimensão social de grande relevância, emergindo o empreendedorismo social como uma opção para o alcance de alternativas visando a superação de problemas sociais. Ele pode criar novos modelos de relações sociais, de trabalho e empregabilidade, mesclando o benefício financeiro com o social e sendo acessível a qualquer pessoa.

O Núcleo Integrado de Empreendedores Juniores – NIEJ, localizado na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, região norte do Brasil – se propôs criar projetos que desenvolvessem o ES em regiões desfavorecidas do Estado do Pará, com o objetivo de proporcionar melhorias na qualidade de vida das pessoas envolvidas nos projetos. Estas regiões carecem de desenvolvimento estrutural e social, ou seja, problemas que vão desde saneamento básico até educação de qualidade.

Neste contexto, este trabalho mostrará uma região carente do interior do Estado do Pará, que possui uma iniciativa de ES, criada pelo NIEJ, voltada para a inclusão de mulheres ribeirinhas no mercado de trabalho - o projeto Organolate.

Esse projeto foi criado no ano de 2011, com o objetivo de gerar uma opção de renda para mulheres de baixo faturamento que moram em comunidades ribeirinhas do município de Barcarena. Ele foi criado com o envolvimento de estudantes de uma universidade da capital do Estado, Belém, e transformou o que as mulheres produziam para o seu próprio consumo num produto de alto potencial de mercado.

No total, o projeto envolve 14 mulheres moradoras das comunidades Bom Jardim, Tracuateua e Arauaia que se organizaram em uma cooperativa para produzir chocolate orgânico, massa de cacau, dentre outros produtos relacionados. Esses produtos são oriundos de trabalho manual e a matéria prima utilizada é retirada de cacauzeiras que elas cultivam em seus próprios terrenos. A cooperativa foi formada para incentivar essas mulheres a serem financeiramente independentes, tendo em vista que antes do projeto elas apenas mantinham tarefas domésticas.

Atualmente, a cooperativa conta com a participação de homens, também moradores das comunidades, normalmente seus maridos ou filhos que se interessaram pelo projeto.

A partir do exposto e considerando os objetivos traçados pelo Projeto Organolate, situamos como questão motivadora deste estudo **a necessidade de verificar se a iniciativa de empreendedorismo social, na perspectiva do desenvolvimento das atividades do exercício profissional, tem contribuído para as mudanças nas metas e objetivos para a vida futura das mulheres envolvidas.**

## 2.2 Objetivo Geral

Nosso objetivo geral com esse estudo é de **identificar por meio dos relatos das mulheres e membros da equipe que compõem a coordenação do Projeto Organolate, se**

**a iniciativa possibilitou mudanças e de que forma influenciou as mulheres envolvidas no projeto, moradoras das Comunidades Bom Jardim, Traquateua e Arauaia.**

### *2.2.1 Objetivos Específicos de Pesquisa*

Para tanto buscamos:

- a) Contextualizar o Projeto Organolate como uma iniciativa de empreendedorismo social, proveniente do terceiro setor;
- b) Apresentar o Projeto Organolate, desde sua criação, objetivos, institucionalização, financiamento e as fases de implantação;
- c) Identificar por meio dos relatos dos sujeitos da pesquisa se houve mudanças no desenvolvimento do Projeto junto às mulheres das comunidades Bom Jardim, Traquateua e Arauaia na sua construção de metas e objetivos.
- d) Perceber até que ponto este empreendimento social contribuiu para a capacitação das mulheres das comunidades abrangidas.

### *2.2.2 Problemática conceitual*

A seguir apresentamos a operacionalização dos conceitos mais importantes para este estudo.

- Empreendedorismo social

O conceito de Empreendedorismo social, tal como é trabalhado nesta pesquisa, surge como uma alternativa a diversas formas de exclusão social, como o desemprego e a pobreza. O/A empreendedor/a social caracteriza-se por ser motivado/a por valores distintos aos tradicionais, por tentar criar mudanças sociais e por agir sobre as causas dos problemas. (Ferreira, 2005).

O ES é proporcionado por organizações do terceiro setor como forma de beneficiar grupos carentes e se concretiza pela criação de um negócio cuja finalidade não prevê o lucro e sim transformações sociais. Esta característica voltada para o benefício comunitário o difere dos empreendimentos para negócios, nos quais o lucro é um dos principais objetivos do empreendimento.

As dificuldades enfrentadas pelo ES são, porém, muitas e de variada ordem. Como citado anteriormente, Lisboa (1999 *apud* Moura e Meira 2014) compreende que os empreendimentos de cunho social encontram muitas dificuldades como angariar recursos e

créditos, qualificar a produção e obter apoio de entidades. A desvirtualização do empreendimento após modificarem ações de gerência para se adequarem ao mercado, também surge como uma preocupação, da mesma forma que a gerência dele estar centrada em uma instituição financiadora, excluindo àqueles que trabalham na manufatura.

- Empreendedorismo feminino

O empreendedorismo realizado por mulheres nos traz a reflexão a respeito de diversos obstáculos enfrentados para iniciar um empreendimento, ou as dificuldades que as levam a empreender. A desigualdade de gênero dificulta a inserção das mulheres no mercado de trabalho e a sua ascensão para cargos de chefia. Na busca por alternativas ao desemprego as mulheres encontram, pois, obstáculos múltiplos.

Os papéis adquiridos socialmente permanecem ativos, dificultando o surgimento de oportunidades ao gerarem estereótipos sobre a capacidade de mulheres em exercerem uma atividade profissional (Loureiro e Cardoso, 2008). No caso de mulheres de baixa renda, este quadro agrava-se pela falta de espaços para a formação profissional, ou para estudar de modo geral, e pela falta de incentivos familiares e institucionais (Dumas, 2001).

Atualmente, a força de trabalho feminino no Brasil é de 41%, porém este número destoa quanto a parte de mulheres em cargos de chefia e tomada de decisões. Isto incita a falta de perspectiva em ascensão organizacional (Probst, 2015). Este quadro não melhora ao compará-lo com a inserção de mulheres ao empreendedorismo, cuja a participação masculina ainda é duas vezes maior do que a feminina. No empreendedorismo social a representatividade de homens e mulheres são equiparadas (Levie e Hart, 2011).

Neste estudo, o desenvolvimento da atividade empreendedora realizada pelo projeto Organolate nos remete à consideração sobre os diversos aspectos que caracterizam a busca de mulheres por uma atividade lucrativa, assim como, as suas perspectivas sobre o trabalho e os desafios que encontram em seus caminhos.

- Capacitação

Para o desenvolvimento deste estudo o conceito de capacitação, presente no quadro teórico de Amartya Sen (1999) e Martha Nussbaum (2010), surge como modelo de análise sobre as melhorias de vida das mulheres envolvidas no Projeto Organolate. Como mencionado anteriormente, a capacitação é o desenvolvimento pessoal para alcançar os objetivos de vida desejáveis por uma perspectiva individual, capaz de libertar a pessoa de eventuais privações.

As privações sofridas por mulheres são historicamente construídas, o que dificulta a sua capacitação. Com a conquista de direitos sociais, a passividade, como forma de receber bem-estar, vem sendo substituída pela protagonização feminina em lutas por mudanças sociais.

Sen (1999) enfatiza que fatores que contribuem para o desenvolvimento do bem-estar de mulheres de forma geral: ter uma renda própria, trabalhar fora de casa, ter direito de propriedade e ser alfabetizada. Nussbaum (2003) cria uma lista de Capacidades Humanas (no sentido de competências) cuja especifica dez itens essenciais para assegurar o desenvolvimento de mulheres. Eles abarcam desde a integridade física e psicológica até os direitos sociais, políticos e materiais.

A partir do exposto, optamos por utilizar a lista de capacidades Humanas para analisar as capacidades desenvolvidas pelas mulheres após o ingresso no projeto Organolate. Para esta análise, escolhemos trabalhar apenas com quatro itens que consideramos terem sido influenciados pela participação no projeto. São os seguintes: 1. Sentidos, imaginação e pensamento; 2. Emoções; 3. Razão Prática; 4. Controle sobre o ambiente: Política.

### **2.3 Metodologia, Natureza e Procedimentos Técnicos.**

Este estudo adota a pesquisa qualitativa, por entendermos que a mesma ocupa um reconhecido lugar entre as diversas formas de se estudar um fenômeno que envolve os seres humanos e suas relações sociais. Segundo Godoy (1995), na perspectiva qualitativa o fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, analisando de forma integrada a informação produzida. Neste tipo de pesquisa, a atuação de um/a especialista é outra característica fundamental para lapidar o grande volume de informação bruta disponível e interpretá-la da melhor maneira possível. É muito usada nas ciências sociais e humanas. Para tanto, Segundo Godoy:

O pesquisador vai a campo buscando captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (1995, p: 21).

Ressalta-se a importância da consciência de quem pesquisa em relação à bagagem cultural dos sujeitos da pesquisa, além disso, sublinha a necessidade deste tipo de pesquisa

implicar um estudo prévio para a preparação e lapidação do grande volume de informação bruta recebida e interpretar da melhor maneira possível.

A investigação qualitativa, segundo Coutinho (2014), caracteriza-se por ser flexível e requerer criatividade para a produção e análise de dados, pois não há normas específicas que possam ser aplicadas a todas as investigações. Nesta lógica, realiza-se o inverso da pesquisa quantitativa, que necessita de uma teoria prévia para então começar a testá-la, com instrumentos pré-determinados e objetivos. No Método Qualitativo a teoria será desenvolvida à medida que é feita a análise da informação produzida.

Nesta pesquisa serão utilizados diversos métodos investigativos para poder ser solucionado o problema em questão. Para Coutinho (2014), a flexibilidade de métodos se explica por haver a necessidade de compreendermos a questão subjetiva de cada sujeito da pesquisa, ou seja, não há um método pronto, linear, que possamos utilizar para alcançarmos os objetivos que pretendemos.

Como orientação para esta pesquisa, escolhemos o paradigma interpretativo ou qualitativo (Coutinho, 2014). Este foi criado a partir da inoperância do paradigma positivista em pesquisas provenientes das ciências sociais e humanas, constituindo uma forma de construção de múltiplas versões da realidade. Assim, faz-se a pesquisa de maneira circular, levando em consideração várias interpretações do problema, possibilitando a reflexão geral do objeto de estudo.

## **2.4 Técnicas e Coletas de Dados**

Muitas são as técnicas de coletas de dados em estudos qualitativos, que são flexíveis e aceitam diversas formas de informação. Contudo que: “Os dados obtidos a partir destas fontes têm um denominador comum: a sua análise depende fundamentalmente das capacidades integradoras e interpretativas do investigador.” (Coutinho, 2014: 331).

Iniciamos o estudo realizando uma ampla pesquisa bibliográfica com o intuito de definir alguns conceitos fundamentais, para discutir o terceiro setor, o empreendedorismo social, especificamente aquele realizado por mulheres, como captar informações que auxiliassem na definição dos objetivos da pesquisa, já delimitando um referencial específico que pudesse contribuir para a construção do quadro teórico sobre o tema e a problemática da pesquisa.

Para Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica se desenvolve na tentativa de explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras que tratam sobre a temática. Na pesquisa bibliográfica o investigador levanta os autores que discutem o tema, identificando as teorias produzidas, avaliando e analisando sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema objeto de sua investigação. Segundo os autores, esta pesquisa deve ser feita em oito etapas:

- a) escolha do tema: Escolher o assunto que se deseja provar ou desenvolver.
- b) elaboração do plano de trabalho: Fase que precede a elaboração do trabalho propriamente dito. Deve ser levado em consideração todas as fases do processo.
- c) identificação: Fase de identificar os temas sobre o assunto escolhido, são levados em consideração os livros, artigos, catálogos sobre o tema.
- d) localização: Fase em que quem investiga identifica onde as obras podem ser consultadas.
- e) compilação: Reunião do material obtido.
- f) fichamento: quem pesquisa transcreve o material com o objetivo de ordená-lo e organizá-lo.
- g) análise e interpretação: Crítica feita sobre o material didático.
- h) redação: A realização do trabalho em si.

Em seguida, foram levantados, nos documentos oficiais, subsídios legais para basear as reflexões e análises sobre o objeto da pesquisa tais como: O termo de abertura do projeto, proposta de continuidade do projeto, o regulamento do prêmio Santander (que financia o projeto), o plano estratégico do projeto.

Assim, a pesquisa documental nos baseou a análise da abordagem qualitativa, a que busca priorizar não apenas a quantidade de dados referentes ao objeto de estudo, mas fundamentalmente a compreensão do fenômeno em foco, por meio da interpretação do seu sentido como eixo central de desenvolvimento.

Essa pesquisa possibilita a contextualização do projeto Organolate como uma iniciativa de empreendedorismo social proveniente do terceiro setor, para tanto, foram recolhidas informações através de bibliografias a respeito da temática, documentos sobre o projeto que demonstrem a realidade de maneira geral, e principalmente através dos depoimentos de todos os sujeitos que constituírem a amostragem da pesquisa.

Também utilizamos, para analisar as reais mudanças de metas e objetivos de vida das mulheres, a técnica de entrevista, que, segundo Gerhardt, Ramos, Riquinho e Santos (2009), é a técnica ideal para coletar dados que não estão documentados, ela é realizada a partir da interação social na qual quem pesquisa busca através de seus questionamentos informações.

Dentre os tipos de entrevistas citadas pelos autores a entrevista semiestruturada foi a escolhida para ser realizada nesta pesquisa. Neste tipo:

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal (2009:72).

Nesta pesquisa as entrevistas semiestruturadas foram feitas de modo formal (na qual há o objetivo claro de realizar a entrevista) e informal (realizado de modo casual, certas vezes até não intencional). Elas foram realizadas de forma individual e/ou coletiva. Com a entrevista é possível identificar o posicionamento das participantes a respeito da situação em que vivem, sendo o silêncio um fator significativo após uma pergunta difícil. Quem conduz as entrevistas deve ser neutral no seu papel de recolher informações.

Estas entrevistas foram realizadas com as mulheres da cooperativa, os coordenadores e participantes do projeto.

O roteiro das entrevistas foi elaborado com antecedência, contendo as categorias fundamentais do objeto da pesquisa, definindo claramente o foco da investigação, visando responder ao objetivo relacionado: a) Apresentação do Projeto Organolate; b) O contexto da criação do Projeto Organolate como uma iniciativa de empreendedorismo social; c) Verificar as mudanças, construção e objetivos alcançados pelo projeto nas comunidades Bom Jardim, Traquateua e Arauaia.

Para elaboração do roteiro formulamos as perguntas cujas respostas poderão ser descritivas e analíticas, na tentativa de evitar respostas dicotômicas (sim/não); atentando sempre manter o foco da conversa no atendimento aos objetivos propostos na pesquisa. Seguimos uma organização para o tratamento e análise do material recolhido no campo, subdividindo da seguinte forma: ordenação, classificação e análise propriamente dita.

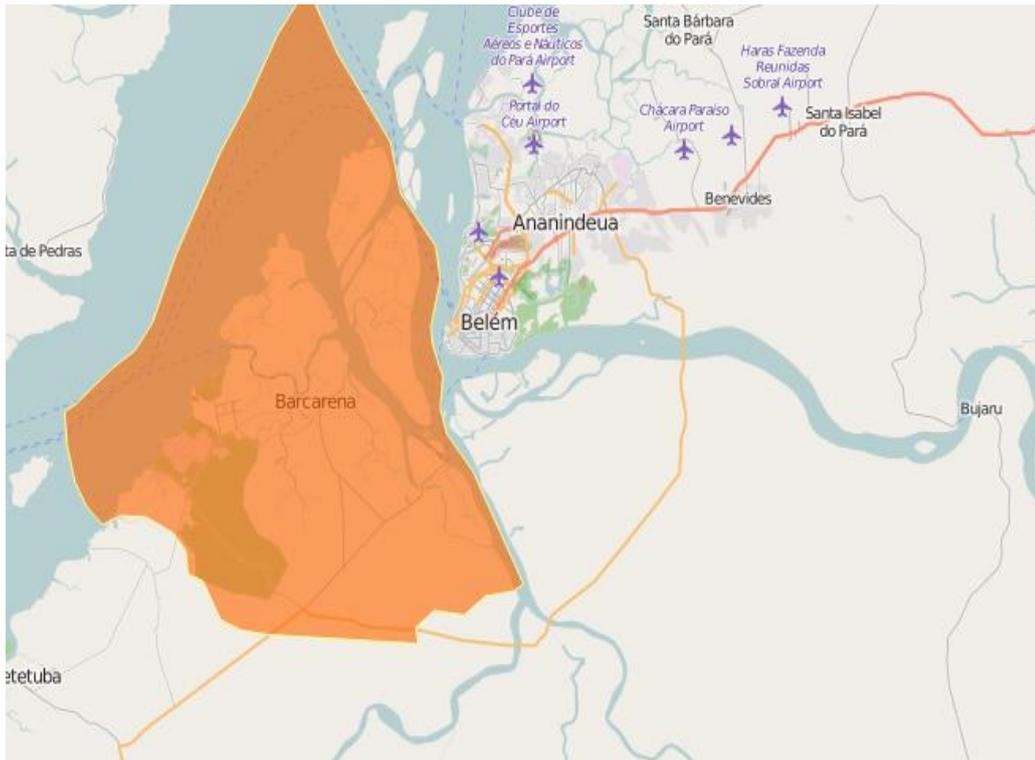
## 2.5 Delimitação Geográfica do Locus da Pesquisa

A pesquisa foi realizada no Estado do Pará, nas **Comunidades Bom Jardim, Traquateua e Arauaia** localizadas no Município de Barcarena que, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, se estendem por 1.310,588 km<sup>2</sup> e contavam com 99.859 habitantes no último censo realizado em 2013. A densidade demográfica é de 76,2 habitantes por km<sup>2</sup> no território do município, condições ecológicas amazônicas. Limites: a) ao Norte – Baía de Guajará e Município de Belém; b) ao Sul – Município de Moju e Abaetetuba; c) a Leste – Baía de Guajará e Município de Acará d) a Oeste –Baía do Marajó.

Pelo site do IBGE é possível encontrar a história do município, na qual conta que os primeiros habitantes do município, na época chamado de povoado, foram os índios Aruans, que ao serem encontrados foram catequizados pelos padres jesuítas. No ano de 1758, o povoado passou à categoria de freguesia, sobre a invocação de São Francisco Xavier de Barcarena (IBGE).

Os dados do IBGE mostram antes de 1709, as terras do Município de Barcarena eram conhecidas como Fazenda Geribirié, que após alguns anos mudou de nome e passou a ser propriedade dos padres jesuítas. Até meados de 1930 a história do município está vinculada aos acontecimentos político-administrativos e territoriais à capital do Estado do Pará, Belém. A Instalação do Município de Barcarena ocorreu pelo Decreto-Lei nº 4.505/1943, de 31/12/1943.

Figura I: Município de Barcarena



Fonte: IBGE

Apresentamos no quadro abaixo a síntese das informações gerais do Município de Barcarena, segundo o IBGE (2016):

Tabela I: Informação populacional do município de Barcarena

Área da unidade territorial	1.310,588 km <sup>2</sup>
Estabelecimentos de Saúde SUS	32 estabelecimentos
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - 2010 (IDHM 2010)	0,662
Matrícula - Ensino fundamental – 2012	22.117 matriculas
Matrícula - Ensino médio – 2012	6.204 matriculas
Número de unidades locais	1.152 unidades
Pessoal ocupado total	21.651 pessoas
PIB per capita a preços correntes - 2013	26.663,02 reais
População residente	99.859 pessoas
População residente – Homens	50.346
População residente – Mulheres	49.513
População residente alfabetizada	78.243 pessoas
População residente que frequentava creche ou escola	37.371 pessoas
População residente, religião católica apostólica romana	52.378 pessoas
População residente, religião espírita	480 pessoas
População residente, religião evangélicas	33.698 pessoas

Valor do rendimento nominal mediano mensal per capita dos domicílios particulares permanentes – Rural	278,00 reais
Valor do rendimento nominal mediano mensal per capita dos domicílios particulares permanentes – Urbana	300,00 reais
Valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes com rendimento domiciliar, por situação do domicílio – Rural	1.900,47 reais
Valor do rendimento nominal médio mensal dos domicílios particulares permanentes com rendimento domiciliar, por situação do domicílio – Urbana	1.633,98 reais

Fonte: IBGE

Economicamente Barcarena, segundo os estudos de Pena, Santos e Oliveira (2014) possui um forte dinamismo econômico resultado de diversas atividades, com destaque para o porto de Vila do Conde e também atividades industriais, como a do complexo Albrás-Alunorte, segunda maior fábrica de alumínio no Brasil. Recebe investimentos dos mais diversos setores e apresenta o terceiro maior Produto Interno Bruto *per capita* do estado.

Segundo os autores, Barcarena vivenciou diversas atividades que movimentaram a economia local. A agricultura tradicional, por exemplo, foi a base da economia da cidade por várias décadas. Com a chegada dos Grandes Projetos Amazônicos, por volta de 1970, outras atividades ganharam destaque, principalmente as atividades industriais, com a instalação do complexo Albrás-Alunorte, onde a Alunorte refina a Bauxita, recebida de Paragominas por minero duto, transformando em Alumina e posteriormente transportando até a Albrás que agrega a Alumina em produtos finais de lingotes de Alumínio e transporta a produção até o Porto de Vila do Conde; Responsável pelo escoamento para o mundo através do Oceano Atlântico (Pena, Santos e Oliveira, p. 1; 2014).

Em paralelo ao crescimento com vista à redução de gastos e melhor aproveitamento da gestão portuária, houve o desenvolvimento de empresas produtoras de cimento, adubo e de fabricação de obras de caldeiraria pesada, tornando-se hoje as principais atividades econômicas do Município.

### 2.5.1 O Acesso às comunidades

O acesso ao município é facilitado por um sistema de transporte multimodal que pode ser realizado por meio fluvial, através de embarcações compostas por barcos a motor,

lanchas e balsas, e por meio rodoviário, através de veículos automotores, pela Estrada via Alça viária, e a PA-151, no sentido Sul do Estado Barcarena. O município pertence à Mesorregião Metropolitana de Belém, à Microrregião de Belém e na divisão político-administrativa do governo estadual à Região de Integração do Tocantins.

Abaixo as imagens relacionadas a um dos acessos ao Município de Barcarena saindo da cidade de Belém em balsas onde podemos embarcar nossos carros. O tempo da travessia é de aproximadamente 1h 20min que depende de a maré estar alta ou baixa.

Essa é uma viagem popular, realizada pela população de baixa renda que vive e trabalha entre as duas cidades (muitos trabalham na Albrás/Alunorte e moram em Belém, e outros moram em Barcarena e vem à capital fazer compras). A saída pode ser feita por dois portos localizados na Praça do Pescador, no Ver-O-Peso. Podem ser utilizados barcos ou lanchas, a frequência de saída é de hora em hora, a partir das 6 horas da manhã com o término às 18 horas da tarde.



Figura 2 – Balsa saindo de Belém em direção ao município de Barcarena



Figura 3 – Balsa indo em direção ao município de Barcarena

Para acesso às Comunidades Bom Jardim, Traquateua e Arauaia, a dificuldade é bastante acentuada devido ao facto de as comunidades se encontrarem nas margens do rio (por isso são chamadas Ribeirinhas). Após fazer a travessia através de barcos ou lanchas, para chegar até a comunidade ainda é preciso percorrer um longo caminho.

O acesso ao Porto improvisado, para as comunidades, se dá após 25 km em estrada de terra com muitos buracos e lamaçal, por este motivo, muitas vezes a estrada está imprópria para veículos pequenos, o que possibilita a passagem apenas de carros de grande porte. Caso o acesso seja feito por uma embarcação privada de pequeno ou médio porte, pode ser feito via fluvial. Entretanto, não existem embarcações públicas de acesso às comunidades.

Após a estrada, encontra-se um Porto à beira do Rio Pará. Neste momento, para chegar até as comunidades é necessário pegar outra embarcação que leve a este destino. A segunda embarcação já é menor, pois a profundidade do rio neste trecho não suporta grandes embarcações. Normalmente os moradores das comunidades possuem um pequeno barco para sua locomoção diária, eles o utilizam para trabalhar, ir até a casa de familiares, sair de casa de forma geral. Conforme as imagens a seguir:



Figura 4 – Estrada de Terra



Figura 5 - Porto improvisado de acesso



Figura 6 – Barco que dá acesso às Comunidades.

Na foto 5, é possível perceber ao fundo, como são as moradias das comunidades. Esta foto foi tirada em Tracuateua, mas neste sentido as comunidades são bastante parecidas. Elas utilizam o rio para sua locomoção, e moram em palafitas (casas de madeira, suspensas sobre o rio).

Normalmente possuem no fundo de suas casas um terreno grande com algumas plantações - esta é uma característica das participantes do projeto Organolate, elas têm, em suas casas, árvores cacaueiras, e começaram a produção do chocolate orgânico com este cacau como matéria prima. O acesso às casas de todas as participantes do projeto é feito da mesma forma, por meio fluvial. No Pará existe uma expressão típica usada para esta forma de habitação: “esse rio é minha rua”, na qual os moradores ribeirinhos encontram nos rios sua forma de locomoção, assim como, alimentação e trabalho.

## **2.6 Caracterização dos Sujeitos da Pesquisa**

Participam no projeto 32 estudantes organizados em coordenação geral e sete diretorias, alguns professores integrantes do NIEJ também colaboram com o projeto. Na cooperativa quantificam 14 mulheres, que atuam efetivamente no desenvolvimento das ações do Projeto. Seleccionamos, para composição da amostra desta pesquisa: 1 (uma) Professora, 3 (três) alunos da CESUPA envolvidos efetivamente e atuais coordenadores do

projeto, 1 (uma) participante da Comunidade Bom Jardim, 1 (uma) participante da Comunidade Traquateua e 1 (uma) participante da Comunidade Arauaia. A definição do número de entrevistas realizadas foi baseada na possibilidade de contato, pelo grau de envolvimento que os sujeitos demonstraram ter no Projeto e por considerarmos que estes sujeitos poderiam, por meio de suas falas e manifestações, trazer-nos indicativos para esclarecer as nossas indagações na pesquisa.

Quadro 2 – caracterização dos sujeitos da pesquisa.

<b>Sujeitos</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Formação</b>	<b>Nº filhos</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Função no Projeto</b>
Professora 1	Feminino	32 anos	Nível superior completo. Mestrado	-	Solteira	Professora responsável
Estudante 1	Masculino	21 anos	Cursando O Nível Superior em Ciências Contábeis	-	Solteiro	Coordenador
Estudante 2	Feminino	22 anos	Cursando Nível Superior em Nutrição	-	Solteira	Coordenadora
Estudante 3	Feminino	22 anos	Cursando Nível Superior em Engenharia Ambiental	-	Solteira	Coordenadora
Mulher 1	Feminino	40 anos	Nível Superior Incompleto Cursando Pedagogia	2	Casada	Membro e representante da Cooperativa
Mulher 2	Feminino	38 anos	Ensino Fundamental Incompleto (Estudou até a 5ª série)	2	Casada	Membro da Cooperativa
Mulher 3	Feminino	53 anos	Ensino Médio Completo	2	Casada	Membro da Cooperativa

Nossa intenção com este quadro consiste em apresentar algumas informações referentes aos sujeitos da pesquisa. Buscamos com isso destacar os aspectos que os identificam como; a formação acadêmica, grau de instrução, idade e Estado civil.

Realizamos o trabalho empírico no período de 10/março/2016 a 20/junho/ 2016. O instrumento adotado para a coleta de dados foram as entrevistas semiestruturadas, como já foi referido. No caso deste estudo, os Coordenadores, alunos do Projeto Organolate e as mulheres participantes, para mediante um diálogo informal ou estruturado, adquirir os dados necessários para fundamentar a(s) questão(ões) levantada(s) neste estudo.

Desse modo, realizámos quatro entrevistas, com uma Professora e com os estudantes coordenadores do Projeto no âmbito do grupo de trabalho do CESUPA. E três com as mulheres distribuídas nas Comunidades Bom Jardim, Tracuateua e Arauaia componentes da cooperativa.

As entrevistas realizadas com os estudantes do CESUPA e a professora foram feitas na sede do NIEJ, em momentos distintos. Primeiramente como uma conversa informal, na qual ainda não havíamos utilizado o guia de entrevistas. Neste primeiro momento foi possível conhecer o projeto por uma perspectiva geral. A realização das entrevistas semiestruturadas com as mulheres da cooperativa foram feitas na comunidade de Tracuateua em uns momentos de reuniões do projeto. Realizamos a entrevista semiestruturada com os Estudantes e a professora, novamente na sede do NIEJ.

As entrevistas semiestruturadas com os participantes do projeto puderam ser realizadas até o final do mês de junho, sempre na sede do NIEJ.

## **2.7 Caraterização dos Dados Levantados na Pesquisa**

As nossas análises foram realizadas com base nos dados obtidos na pesquisa desde a participação de reuniões do projeto no CESUPA, conversas informais com os alunos participantes até a aplicação dos questionários no *locus* da pesquisa, procurando estabelecer as relações entre os indicativos das falas dos sujeitos, sua realidade de ação assim como as questões da pesquisa sobre o Projeto Organolate. Para isso, seguimos os passos:

- a) O primeiro passo constituiu-se na anotação de todas as falas e dados colhidos na informalidade;
- b) Na sequência realizamos o registro e estudos dos documentos oficiais e não oficiais do Projeto;
- c) Seguindo da transcrição fiel das gravações das entrevistas;
- d) Prosseguimos com a categorização dos dados que foi feita com base nas regularidades encontradas nas entrevistas, referentes aos dados sobre o Projeto Organolate.

Os dados codificados foram agrupados por similaridade formando os seguintes temas para análise:

- a) Contexto da criação do Projeto Organolate como uma iniciativa de Empreendedorismo Social.
- b) Quais os principais interesses das mulheres no início do projeto?
- c) Que dificuldades surgiram durante o desenvolvimento do projeto?
- d) Quais as mudanças, construção e objetivos alcançados pelo projeto nas Comunidades Bom Jardim, Traquateua e Arauaia?
- e) Até que ponto este empreendimento social contribuiu para a capacitação das mulheres das comunidades abrangidas.

### 3. CAPÍTULO- TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

Neste Capítulo apresentamos a análise dos dados emitidos pela pesquisa, descrevendo e analisando os resultados focando em nosso problema de pesquisa, que buscou verificar se a iniciativa de empreendedorismo social, na perspectiva do desenvolvimento das atividades do exercício profissional, tem contribuído para as mudanças nas metas e objetivos para a vida futura das mulheres envolvidas no Projeto Organolate. O Capítulo está dividido em quatro seções: a) Contexto da criação do projeto Organolate como uma iniciativa de empreendedorismo social. Onde apresentamos; o surgimento do Projeto Organolate; a Cooperativa; Objetivos e Metas do projeto; Parcerias e Prêmios e Gestão do projeto. b) Os principais interesses no início do projeto; c) As mudanças, construção e objetivos alcançados pelo projeto nas Comunidades Bom Jardim, Traquateua e Arauaia; d) Até que ponto este empreendimento social contribuiu para a capacitação das mulheres das comunidades abrangidas.

#### 3.1 Identificar por meio dos relatos dos sujeitos da pesquisa:

*a) Contexto da criação do projeto Organolate como uma iniciativa de empreendedorismo social.*

O Centro Universitário do Estado do Pará – CESUPA um Centro Universitário particular de Belém, apoiou a criação do Núcleo Integrado de Empreendedores Junior – NIEJ. Este núcleo foi fundado por um grupo de estudantes em conjunto com docentes e tem o objetivo de colocar em prática toda a teoria aprendida em sala de aula por meio da execução de projetos sociais, sem fins lucrativos.

O NIEJ é formado por estudantes de diversos cursos, englobando as áreas da saúde, humanidades e engenharias. Como um projeto universitário, a rotatividade é muito grande, normalmente os/as estudantes participam do projeto até o ano de suas formaturas, altura em que deixam o projeto. Dificilmente continuam nos projetos do NIEJ após a formatura no ensino superior. No entanto, antes da sua saída, estudantes veteranos têm a preocupação de integrar outros/as nos objetivos e metas dos projetos para que os mesmos não sofram descontinuidade.

Dos Projetos do NIEJ o Projeto Organolate surgiu através da integração de mulheres ribeirinhas das comunidades de Bom Jardim, Traquateua e Arauaia, localizadas no município de Barcarena distante 105,4 quilômetros da capital paraense. Essas são

comunidades carentes, que até o ano de 2010 ainda não possuíam energia elétrica, e que têm nos rios amazônicos sua principal forma de subsistência.

As mulheres que integram o projeto produzem uma receita de chocolate passada de mãe para filha que utilizam para consumo próprio. Assim, com a chegada do NIEJ e a formação do projeto, elas começaram a produzir o chocolate para comercialização, de forma rústica e artesanal, um achocolatado orgânico, sem conservantes e sem lactose que chamaram de Organolate.

- Surgimento do Projeto Organolate

Em entrevista com ESTUDANTE 1, tivemos o conhecimento que o projeto surgiu a partir de outro projeto intitulado “Esse rio é minha Rua”, projeto iniciado junto a comunidades que tem nos rios amazônicos um importante parceiro, seja como meio logístico, seja como fonte de vida ou como localização de onde vivem.

As ações do projeto “Esse rio é minha Rua” iniciaram no ano de 2010, com o objetivo de levar assistência médica a algumas ilhas próximas do Município de Belém,

Santana (2012) enfatiza que em decorrência do isolamento de seus núcleos populacionais, resultante do difícil acesso e distribuição dispersa destes núcleos, a realidade das populações ribeirinhas revela uma grande desigualdade de acesso aos serviços públicos de saúde em comparação com as áreas urbanas.

As populações que vivem nas comunidades ribeirinhas, que apesar da riqueza e extensão da região, constituem uma população que clama por melhoria de condições de bem-estar econômico e social. Além disso, deve ser considerada a insuficiência dos meios de transporte e comunicação que estas comunidades enfrentam, além de doenças que por falta de tratamento se tornam letais.

Neste contexto projetos sociais se tornam essenciais para garantir o bem-estar de pessoas que vivem nessas situações. No caso das comunidades de Barcarena sofrem com a falta de saneamento básico, transporte público, as escolas são distantes para a maioria dos moradores que não possuem carros, e após se deslocarem por meio fluvial ainda precisam caminhar alguns quilômetros para chegar até elas.

Destacamos que em termos de saúde as comunidades sofriam com a falta de informação e assistência. Não conheciam a maneira certa de cuidar dos alimentos, os perigos que a água contaminada podia trazer, e as formas de contágio de algumas doenças, principalmente àquelas transmitidas por mosquitos. Quando alguém estava doente o posto

de saúde mais próximo é dentro da cidade de Barcarena e em casos de doenças mais graves a única forma de tratamento era ir até a capital – Belém.

O ESTUDANTE 1 que também participava do projeto “Esse rio é minha rua”, ressalta que “com a ida constante dos alunos às ilhas foi percebido que existiam carências em outras áreas, além da saúde”. A comunidade tinha grande produção de produtos locais – como açaí, cacau, farinha - mas não havia uma organização econômica para que as atividades gerassem lucros,

A comunidade apenas produzia para consumo próprio. Ao perceberem esta questão, o projeto decidiu que seria interessante levar alunos de outros cursos para ajudarem a comunidade nesta questão econômica (ESTUDANTE 1).

Assim foram integrados ao projeto, também, alunos do curso de Engenharia de Produção, Publicidade e Propaganda, Direito e Administração, com o propósito de diagnosticar os outros problemas sociais em busca de respostas. Com essa ação em grupo, os alunos puderam ajudar a organizar as atividades econômicas das ilhas. Desta ação surgiram outros quatro projetos, dentre eles o projeto Organolate.

O ESTUDANTE 1 alega que,

Com aparecimento desses projetos as primeiras comunidades Bom jardim, Traquateua e Arauaia – já tiveram muitas mudanças em suas vidas. Como exemplo, o fato de terem conseguido mobilizar a comunidade para juntar dinheiro para a instalação de luz elétrica no local, foi um investimento cerca de R\$ 85.000,00 e os moradores das comunidades conseguiram através da realização de festas, vendas de palmito, açaí, madeira, dentre outros (ESTUDANTE1).

A PROFESSORA 1, em uma conversa informal, destacou que “o modo de vida dos moradores se tonou mais ativo, eles passaram a conversar mais com a prefeitura a respeito de problemas locais – como saneamento, educação, saúde, começaram a se unir para solucionar seus problemas sociais”.

Os moradores das comunidades abrangidas pelos projetos fundaram uma associação comunitária com o intuito de debatar os problemas sociais que enfrentavam. A criação da associação foi incentivada pelo NIEJ. A partir de sua fundação os moradores passaram a ter mais participação política e social na busca por seus direitos.

Segundo Kleba e Wendausen (2009), a participação social nos espaços das políticas sociais é vital para que a sua construção seja democrática e atenda as reais necessidades do povo. Esta é uma forma de aumentar o poder de intervenção da população nas políticas e

serviços públicos, impõe mais responsabilidade aos governantes os exigindo que façam o seu dever.

Segundo o Relatório das Ações do Projeto (2012) o Organolate é um projeto social que surgiu neste processo de transformação, ele foi criado no ano 2011, um ano após o início do Projeto Esse Rio é minha Rua. Ele surgiu com o objetivo de inserir as mulheres que viviam nas comunidades no mercado de trabalho a PROFESSORA 1 revelou que antes de começarem a produção de chocolates,

As mulheres foram incentivadas a produzirem objetos artesanais, joias, dentre outros produtos. Não houve grande interesse nestas atividades, entretanto notamos que elas eram bastante ativas e gostavam de estar produzindo algo para vender. Quando o chocolate foi descoberto, através da amostra que os alunos receberam, viram nele, a possibilidade de um bom produto para ser produzido e inserido no local de trabalho (PROFESSORA 1).

A PROFESSORA 1 também revelou que o grupo já intencionava desenvolver alguma atividade para as mulheres das ilhas, por elas sempre se mostrarem muito ativas e interessadas em produzir algo. Ainda em 2010, um dos atores sociais do projeto ganhou um chocolate produzido por estas moradoras, o chocolate não era comercializado até então, apenas feito para ser consumido pelas pessoas próprias e moradores das ilhas.

Após ganhá-lo os estudantes levaram o chocolate ao laboratório da universidade e descobriram a grande qualidade no produto. Além de ser um chocolate orgânico não continha glúten ou lactose e era feito com grande porcentagem de cacau, pouco açúcar. Qualidades apreciadas pelos consumidores de chocolate (PROFESSORA 1).

Como esse chocolate era produzido por muitas moradoras das comunidades, os alunos perceberam que havia um grande potencial para a venda do chocolate, assim como gerar um meio de trabalho para essas mulheres que o produziam. Foi então que os estudantes se organizaram para ajudar o grupo, criando uma forma de produzirem o chocolate para comercialização.

Segue a fala da MULHER 3, que revela sua adesão ao projeto.

Entrei quando o pessoal do CESUPA veio para a comunidade e começou a verificar se tinha o cacau. **Antes a gente só secava e vendia**, mas havia uma senhora lá na comunidade Tracuateua que fazia o chocolate, então nós aprendemos a fazer e fizemos cursos para aperfeiçoar, e lá dava para fazer em pó, mas assim nós ainda não começamos a comercializar. **O cacau é colhido do meu terreno, que tem mais ou**

**menos mil pés de cacau nativo. Antes do projeto nós já vendíamos apenas a amêndoa seca retirada do cacau (MULHER 3).**

Sobre esta situação os estudos de Oliveira (2011) nos revelam o sentido de inovação social,

Como um conjunto de princípios, processos articulados que criam no bojo e cerne de seu desenvolvimento, ações de melhorar o que já existe, fazendo com que de fato funcione, e dê resultados sociais significativos (eficiência, eficácia e efetividade) e criação de novas estratégias que de fato gerem transformação social nas estruturas da sociedade através do empoderamento dos sujeitos, como protagonistas na geração de novas políticas públicas e não meros consumidores ou usuários de produtos e serviços (2011: 5).

Neste caso o grupo de pesquisa integrante do Organolate procurou encontrar junto às atividades desenvolvidas nas Comunidades algo que as mulheres pudessem desenvolver em conjunto, e que lhes trouxessem além da satisfação um meio de sobrevivência financeira. E essa aproximação, a nosso ver fez surgir um novo estilo de gestão social, é o que Oliveira (2011), denomina de Gestão social integrada, sustentável e solidária.

Esse esforço é principalmente permeado pela lógica do empreendedorismo social, mesmo que muitas vezes não intencionalmente explicitado, está fazendo emergir o que temos chamado de Gestão Social Integrada, Sustentável e Solidária (Oliveira, 2011: 03).

Desta forma, os estudantes se organizaram para realizar consultorias por meio de minicursos voltados tanto para administração do negócio como para as técnicas básicas de produção alimentar com as mulheres que produziam, a fim de ajudá-las a comercializar o produto, com a perspectiva de geração de renda para a comunidade.

Pela alta rotatividade de alunos atuantes no projeto, e pela falta de documentação das ações desenvolvidas não tivemos acesso aos dados concretos sobre todas as ações de formação que ocorreram. Entretanto em entrevista com a MULHER 1 que está desde o início do projeto, entendemos como elas ocorreram.

Logo no comecinho do projeto **fizeram cursos que ensinaram a lidar com o dinheiro e cursos em relação a como lidar com o cacau que foi realizado pela CEPLAC.** As ações de formação **foram financiadas pelo Santander** logo no primeiro ano que o projeto recebeu o

financiamento (2014). Elas foram realizadas durante o ano inteiro, os cursos eram organizados pelos alunos do CESUPA, que quando necessário traziam pessoas capacitadas, como a CEPLAC. Eles deram bastantes cursos, quase em todos os finais de semana. Agora parou porque o projeto acabou o dinheiro. Mas agora nós estamos esperando o resto do dinheiro do Santander, e estamos atrás de financiamento (MULHER 1).

As ações de capacitação ocorreram desde o início do projeto. Entretanto antes do início do financiamento do Santander, elas eram realizadas com o dinheiro da venda de pequenos produtos alimentícios feitos pela cooperativa, como brigadeiros e bolos, assim a cooperativa angariava fundos suficientes para trazer os estudantes do CESUPA até a comunidade onde aconteciam as ações de formação.

Elas eram frequentadas por todas as mulheres que faziam parte da cooperativa, e apenas no ano de 2014 as ações de formação começaram a ser financiadas pelo prêmio Santander. O projeto recebeu durante três anos financiamento do Santander, 2014, 2015 e 2016, e atualmente o dinheiro do ano de 2016 foi todo investido na construção da cozinha industrial, por isto não houve mais ações de formação.

- A Cooperativa

A cooperativa possui atualmente 14 mulheres. Desde o início o projeto foi voltado para possibilitar uma forma de gerar renda para elas que passavam muito tempo em casa, porém eram bastante ativas e tinham vontade de trabalhar de outra forma além do trabalho doméstico. Ressaltamos que as cooperadas possuem em suas casas plantações diversas (o cacau é apenas uma delas) para o consumo próprio. Após um tempo alguns homens das comunidades, normalmente maridos e filhos das cooperadas passaram a se interessar pelo trabalho desenvolvido e entraram na cooperativa. Atualmente há um total de sete homens. Segundo o ESTUDANTE 1:

Logo no início do projeto os homens que eram próximos das mulheres envolvidas não se interessaram em participar da cooperativa. Mas depois de um tempo quando começaram as vendas do chocolate e perceberam que aquilo realmente dava dinheiro pediram para participar (ESTUDANTE 1). Nesta fala do ESTUDANTE 1, podemos identificar que havia um desinteresse dos homens em participar das atividades das mulheres. Sobre isto Loreiro e Cardoso (2008) apontam a falta de credibilidade que surge em torno de gestões conduzidas por mulheres, não por sua atuação em si, mas pelos estereótipos formados em torno das posições de liderança.

Com a fala percebemos que os homens se recusam a participar no primeiro momento por desacreditar no sucesso da atividade que seria conduzida pelas mulheres. No entanto, ao perceberem o potencial do projeto se interessaram e passaram a participar. Eles precisaram realmente ver o retorno financeiro para acreditar que aquele trabalho feito manualmente por elas daria certo. Ressaltamos que os homens ao ingressarem no projeto criaram outras formas de participar que não incluem a cozinha e a manufatura do chocolate (falaremos disso mais adiante).

O quadro abaixo possui algumas informações colhidas para o preenchimento da ficha cadastral do projeto. Selecionamos apenas as informações referentes às mulheres.

Quadro 3 – informações cadastrais das cooperadas

<b>Idade</b>	<b>Estado civil</b>	<b>Membros na família</b>	<b>Renda familiar</b>	<b>Dimensões do terreno</b>	<b>Comunidade</b>
<b>29 anos</b>	Solteira	3 pessoas	R\$ 800,00	100x50 m	Bom Jardim
<b>37 anos</b>	Solteira	3 pessoas	R\$ 860,00	250x2000 m	Bom Jardim
<b>26 anos</b>	Casada	4 pessoas	Renda varia de acordo com a produção do açai	90x1000 m	Bom Jardim
<b>51 anos</b>	Solteira	4 pessoas	R\$ 1.780,00	136x2000 m	Bom Jardim
<b>42 anos</b>	Solteira	3 pessoas	R\$ 1.780,00	100x500 m	Bom Jardim
<b>32 anos</b>	Solteira	3 pessoas	Renda varia de acordo com a produção do açai	Não soube informar	Bom Jardim
<b>52 anos</b>	Solteira	6 pessoas	R\$ 880,00	100x500 m	Bom Jardim
<b>35 anos</b>	Solteira	4 pessoas	R\$ 300,00	50x30 m	Tracuateua
<b>43 anos</b>	Casada	2 pessoas	Renda varia de acordo com a	Não soube informar	Tracuateua

		produção do açáí			
<b>55 anos</b>	Viúva	2 pessoas	R\$ 1.780,00	250x1000 m	Tracuateua
<b>51 anos</b>	Casada	2 pessoas	Renda varia de acordo com a produção do açáí	Não soube informar	Tracuateua
<b>34 anos</b>	Casada	5 pessoas	R\$ 880,00	200x1000 m	Arauaia
<b>45 anos</b>	Solteira	6 pessoas	R\$ 880,00	100x800 m	Arauaia
<b>37 anos</b>	Solteira	4 pessoas	R\$ 600,00	Não soube informar	Arauaia

Com base nas informações, percebemos que todas as cooperadas possuem sua casa própria. O amplo terreno em suas residências se torna essencial para o funcionamento da cooperativa, pois é neles que estão plantados os pés de cacau. Apesar da baixa renda familiar (o atual salário mínimo no Brasil é R\$ 880,00, a maior renda é de dois salários mínimos R\$ 1.780,00. Para analisar a renda citamos o valor da cesta básica que está em torno de R\$ 350,00 a R\$ 250,00) os amplos terrenos funcionam como meio de sobrevivência. Quatro das cooperadas revelam que suas rendas dependem efetivamente da venda do açáí, fruta que elas colhem em seus quintais e após retirarem o suco vendem (no Pará a venda do suco do açáí é bastante alta, visto que o paraense costuma tomar este suco em pelo menos uma refeição acompanhado de farinha de mandioca).

Ressalta-se que a busca por uma atividade artesanal, no caso das mulheres do Organolate, está associada a um sentimento de identificação e valorização cultural, por se tratar de uma receita da vovó. Valorizando uma receita de família, que passa a ser um elemento de consumo, eliminando a possibilidade de extinção, caracterizado como uma forma de satisfação das mulheres, que contribuem com seu trabalho para difusão e promoção do produto criado por suas avós.

- Objetivos e Metas do projeto

Segundo o termo de abertura do projeto o propósito do projeto é “Empoderar economicamente as mulheres ribeirinhas, inserindo-as na renda da família, além de valorizar o cacau, um fruto nativo vendido por um valor irrisório”.

O objetivo geral do projeto é viabilizar a comercialização do achocolatado (em pó) orgânico, utilizando os recursos naturais da região de maneira sustentável. Para isto, o projeto se propôs a capacitar as integrantes para poderem gerir e produzir o chocolate com qualidade, atendendo-se os requisitos sanitários e os aspectos mercadológicos que contribuam para sua comercialização.

Como objetivos específicos o projeto pretende

- Adquirir espaço físico e equipá-lo com maquinários leves de acordo com o processo de produção.
- Criação de novas linhas de produtos da marca Organolate.
- Melhorar o plano de divulgação e apresentação de produtos.
- Geração de renda através da comercialização de Organolate
- Produzir Organolate, de maneira segura e higiênica, seguindo um padrão qualidade
- Aperfeiçoar técnicas e conhecimentos de manejo e beneficiamento da cultura trabalhada. (Termo de abertura do projeto, 2014)

Sobre os objetivos e metas do projeto, segundo estudante entrevistado **2**:

O Projeto Organolate tem como maior objetivo **promover para esses moradores das ilhas um meio de subsistência econômica**. Para que eles tenham a capacidade de resolver seus problemas financeiros, no sentido de empoderar as mulheres que antes só tinham a rotina de serem donas de casa (ESTUDANTE 2).

A principal meta do projeto nos últimos anos é construir uma cozinha industrial para que o chocolate possa ser desenvolvido conforme padrões de qualidade e assim possa ser vendido para diversos compradores, e a obtenção de um certificado de produto orgânico que seja aceito em outros países, principalmente da América do Norte e da Europa.

- **Parcerias e Prêmios**

Para o desenvolvimento do Projeto foram realizadas importantes parcerias que contribuíram para o desenvolvimento do projeto e a sua visibilidade. É o caso do Rotaract Club, uma organização internacional que desenvolve um trabalho na região visando melhorar a qualidade de vida das comunidades, por meio da prestação de serviços. No caso

do Projeto Organolate, disponibilizam cursos de capacitação nos campos da gestão, produção, requisitos sanitários, empreendedorismo entre outros.

O CESUPA também estabeleceu parceria com a Comissão Executiva do Plano de Lavoura Cacaueira- CEPLAC, que orientou sobre as técnicas de manejo, assim como os cuidados com o solo para que o trabalho seja realizado atendendo aos padrões de qualidade desde a formação do produto.

O projeto também recebeu prêmios como o *Walmart Womens Economic Empowerment*<sup>1</sup> no ano de 2012, o Campeonato Nacional dos Times Enactus 2013<sup>2</sup>. O prêmio Santander Universidade Solidária 2013<sup>3</sup> foi o maior financiador do projeto até ao momento, tendo garantido a quantia de R\$ 100.000,00 recebida durante os anos de 2014, 2015 e 2016. Esta quantia foi destinada para ações como a construção da sede da cooperativa, a realização de ações de formação e a construção da cozinha industrial. Entretanto, por alguns problemas de gestão e comunicação com a cooperativa, a construção da cozinha, que deveria ter se concretizado nos anos que passaram, apenas em 2016 começou a tomar forma.

De acordo com os dados do Relatório das Ações do Projeto (2012), após o desenvolvimento dos cursos de aperfeiçoamento, foram realizados testes degustativos do produto, obtendo um percentual expressivo de 88% de aprovação, resultando em que um produto apto para a comercialização, gerando um incremento de renda para as famílias beneficiadas de 200% na venda do chocolate em pó e da barra, pois o valor médio do quilo do achocolatado orgânico no mercado é de R\$ 30,00 e atualmente o quilo do cacau *in natura* é vendido por apenas R\$ 1,50.

- Gestão do projeto

---

<sup>1</sup> Este prêmio objetiva reconhecer iniciativas que buscam o empoderamento de mulheres, inserindo-as no mercado de trabalho para que desta forma elas estejam capacitadas a executar atividades econômicas que possam contribuir com o aumento de renda de suas famílias. A partir dos resultados positivos a intenção central passou a ser transformar o projeto em empresa, mas para isto é preciso planejamento.

<sup>2</sup> A Enactus é uma organização internacional sem fins lucrativos atuante em universidades, no total de 36 países, por meio de ações que visam melhorar a qualidade e o padrão de vida de pessoas e comunidades através do incentivo a projetos de empreendedorismo social, criado por estudantes universitários, que possibilitem o empoderamento e o desenvolvimento sustentável nessas comunidades.

<sup>3</sup> Este é um prêmio oferecido pela empresa Banco Santander Brasil S.A. que propõe aos projetos universitários recursos financeiros e suporte técnico para a implementação de iniciativas das Instituições de Ensino Superior em parceria com comunidades. Os projetos passam por uma seleção prévia e são escolhidos aqueles que mais se adequam aos objetivos do prêmio que são: “1. Contribuir para a inclusão social e econômica de comunidades de baixa renda, 2. Contribuir para a formação cidadã e profissional de estudantes universitários em parceria com Instituições de Ensino Superior (IES), 3. Fortalecer a extensão universitária.” (Regulamento, Prêmio Santander. 2013).

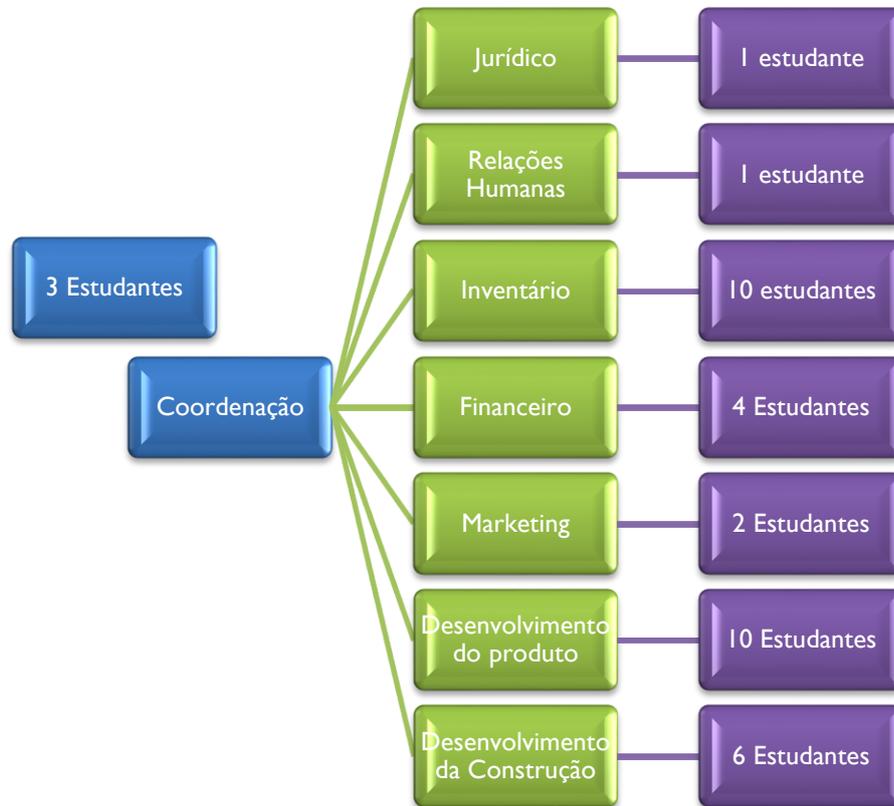
Desde seu surgimento o projeto manteve uma gestão voltada ao social primando pela democracia, objetivando decisões integradas, envolvendo o grupo com a cooperativa nos processos e tomadas de decisão.

Nesta perspectiva, Tenório (2006) esclarece que a temática gestão social tem se destacado mais como objeto de estudo de uma tarefa vinculada a gestão de políticas sociais e organizacionais voltadas ao combate à pobreza do que propriamente de uma discussão onde se priorize as possibilidades de gestão democrática, voltada à integração e participação. O autor destaca a Gestão Social como processo gerencial dialógico onde existe a partilha das decisões entre os participantes. Sobre isto observamos no decorrer da pesquisa um grande movimento na busca de integração, tanto dos que compõem o Organolate, os participantes do NIEJ assim como da Cooperativa, que conforme os estudos de Tenório primam “pela concordância, onde o outro deve ser incluído e a cooperação o seu motivo” (2006: 2).

Desta forma a gestão do projeto defende um espaço legítimo de articulação de diferentes atores norteados pelos princípios da inserção, do pluralismo, da igualdade participativa, da autonomia e do bem comum. O que tem se tornado uma tarefa árdua devido às condições relacionadas às distâncias geográficas, dificuldades de comunicação entre o grupo e o processo de conclusão dos estudos pelos alunos, que causam uma frequente mudança de atores participantes.

Em janeiro de 2016, após um período de meses sem muitas movimentações no projeto, houve uma reestruturação na gestão e a criação de um novo regimento interno.

Figura 7: Organograma de Gestão do projeto Organolate



A atual gestão é composta por uma coordenação geral e diretorias que foram escolhidas mediante o interesse e a dedicação dos estudantes com o projeto. A estrutura de gestão tem sido organizada desde o início do ano de 2016, que após verificar quais estudantes tinham realmente interesse em continuar atuando no projeto de forma ativa e dedicada, definiu três coordenadores – uma estudante de nutrição, uma estudante de engenharia ambiental e um estudante de contabilidade. Segundo a ESTUDANTE 2:

A coordenação geral é responsável por observar as direções, delegar as tarefas e fiscalizar para saber se está tudo ocorrendo da maneira certa. São três estudantes coordenadores, duas meninas e um menino que trabalham juntos, quando um não pode estar presente o outro está (ESTUDANTE 2).

É importante destacar que os coordenadores também integram o quadro de diretorias. Os coordenadores foram escolhidos por estarem interessados no cargo e serem bastante ativos no projeto. Os cargos de direção também foram designados a estudantes ativos no projeto.

No ano de 2015 houve uma paralização das atividades do projeto que ocorreu principalmente por falta de gestão, alguns estudantes ao concluírem seus cursos saíram do projeto, e os que continuaram por razões individuais não deram continuidade. Como explica o **ESTUDANTE 2**:

As pessoas que fundaram o projeto eram alunos do CESUPA, mas como é um projeto universitário, a rotatividade é muito grande, normalmente os alunos participam e quando já estão para se formar, eles deixam o projeto. Dificilmente, alguém continua nos projetos do NIEJ, após estarem formados (**ESTUDANTE 2**).

A paralização teve duração de seis a oito meses. Atualmente, com a reorganização da gestão e a criação de um novo regimento interno a obra está sendo concretizada. Nas imagens abaixo é possível ver o não andamento da obra.



Figura 8: Construção da cozinha Industrial

Como é perceptível a obra ainda está no início, sua fundação ainda não está concretizada. Segundo o **ESTUDANTE 1** “A obra demorou mais para começar por causa do período da chuva, a partir de outubro chove muito e o terreno fica cheio de lama, além do acesso até a construção ser difícil”.

Em uma reunião em que participámos em maio de 2016, entre a coordenação do projeto e algumas pessoas integrantes da cooperativa, percebemos que outro possível motivo para o atraso da obra da cozinha industrial foi a dificuldade de comunicação. Como a sede do projeto é localizada em Belém, e as comunidades não

possuíam boa rede telefônica, os coordenadores não conseguiram comunicar a cooperativa sobre a necessidade de disponibilizar um barco (no caso, de alguma cooperada) para ir buscar o material da obra no porto de Belém. Esta falta de comunicação durou mais de dois meses após já estarem reorganizando o projeto. As cooperadas, (como mostraremos mais adiante neste trabalho) sentiram um desânimo devido a descontinuidade das ações, o que demonstrou falta de organização e descompromisso da gestão.

Perante as informações percebemos que a gestão do projeto, por mais bem-intencionada, acarretou dificuldades no andamento das ações do empreendimento. Destacamos os estudos de Moura e Meira (2014) que discutem essa dicotomia entre a gestão e a mão-de-obra. No caso do Organolate, a descontinuidade do projeto poderia ter sido evitada caso as cooperadas tivessem participação ativa no gerenciamento das ações.

Compreendemos que todas as decisões são tomadas em conjunto entre os estudantes e as cooperadas, no entanto as mulheres não possuem autonomia para gerir a cooperativa, caso o NIEJ não esteja presente (assim como o inverso). No caso da descontinuidade do projeto pela falta de recursos humanos, as cooperadas poderiam ter assumido papéis mais ativos na gestão e assim assegurado a construção da cozinha industrial. A distancia entre a sede do NIEJ e as comunidades abrangidas também foi um fator determinante para o atraso da obra, pois dificultou a comunicação entre a cooperativa e a coordenação do projeto.

A produção de chocolates pelo Projeto Organolate ainda é muito pouca, mesmo que segundo a coordenação e as cooperadas já tenha havido várias ações de formação e oficinas práticas, a equipe ainda carece de conhecimentos e condições estruturais.

Eis a fala da MULHER 1 sobre isto: “Para que se Planeje qualquer pequena empresa é necessário tempo, e conhecimento amplo do mercado e suas exigências, sabemos o quanto será difícil e demorado, mas temos confiança que tudo será concretizado”.

Sobre as receitas oriundas das vendas dos produtos Organote, observamos que a equipe procura unir o preço à qualidade do produto, sendo assim elas reduzem a margem de lucro para facilitar a venda e divulgação do mesmo, observem a fala da MULHER 2:

Temos produzido pouco, mas procuramos colocar o máximo de qualidade na finalização do produto, assim adotamos uma política real de mercado, onde temos pouco lucro, mas aumentamos consideravelmente o número de clientes. Nossa receita mensal atualmente gira em torno de R\$ 600,00 com a venda em média de barras de 200g – a um preço de R\$ 24,00; barras de 100g - a um preço de R\$ 12,00 (MULHER 2).

Na tabela a seguir fizemos uma sistematização dos valores em que as barras são vendidas e as quantidades vendidas desde abril de 2016.

Tabela 2: Valores e vendas de chocolate

<b>Quantidade em gramas</b>	<b>Valor da Barra</b>	<b>Quantidade vendida</b>	<b>Total de dinheiro arrecadado</b>
<b>100 g</b>	R\$ 12,00	20	R\$ 240,00
<b>200g</b>	R\$ 24,00	34	R\$ 816,00

Sobre o lucro obtido até agora a MULHER 1, ressalta que:

**Ainda não tem lucro porque não começamos a vender as barras industriais**, e não pudemos mais utilizar a cozinha do cesupa para fazer o achocolatado em pó. Teve um lucro mais muito pouco atualmente somos 14 mulheres e o que realmente está dando lucro é a fermentação do cacau, mas nem todas fazem. Só que antes nós vendíamos a R\$ 7,00 o quilo do chocolate agora 100 gamos são R\$ 12,00. Tem lucro, mas não é muito ainda (MULHER 1).

Ressaltamos que a produção está sendo realizada em uma cozinha adaptada sem equipamentos e espaço físico adequado. Com certeza a capacitação da equipe é fundamental, pois são as responsáveis diretas pela fabricação dos produtos. No caso do Organolate a equipe trabalha conforme os horários que tem disponível, buscando colocar em prática os princípios fundamentais do negócio e primando pela qualidade evitando ao máximo o desperdício.

Com as falas e o quadro fica evidente que a produção em alta quantidade do chocolate é bastante difícil de ser realizada sem a cozinha industrial, por este motivo o lucro da cooperativa ainda está bastante reduzido. Sobre a fermentação citada na fala, as cooperadas

ainda estão em fase de teste por ser uma nova forma de vender o cacau, entretanto já se mostrou bastante rentosa. Como evidente na fala da MULHER 3.

A produção é feita de forma integrada, nos reunimos e fazemos as barras. Já tem uns quatro anos que começamos a fazer as barras, e vamos vendendo aos poucos, porque ainda não temos um local apropriado para a produção, quando a gente tiver nossa própria cozinha vai ser mais fácil para realizar o trabalho (MULHER 3).

Desta forma, é perceptível com as análises realizadas na pesquisa a vontade de fazer o melhor sobressaindo a busca de lucros imediatos.

*b) Quais os principais interesses no início do projeto?*

As entrevistas revelam que no início do Projeto as mulheres sentiam uma grande necessidade de transformação, mudanças significativas em suas formas de vida, como podemos observar na fala a seguir:

No início de tudo, meu interesse era melhorar a saúde e a educação, a vida de forma geral, para falar a verdade eu não focava em relação ao dinheiro ganho material e sim no convívio, bem-estar dos moradores das comunidades, enfim melhorar a qualidade de vida (MULHER 1).

As dificuldades eram tantas, que os anseios eram diversos. Entendemos que uma das grandes características do protagonista social é exatamente seu estado de consciência frente às dificuldades reais ao seu redor e o reconhecimento sobre a importância do seu papel, iniciativas e vontade frente à construção, metas e propostas de mudanças.

Foi constatado que as mulheres pesquisadas construíram após os projetos sociais ativa participação na sociedade, por meio das reuniões da Associação e nas mais variadas instâncias sociais (a família, a escola, o bairro, a cidade, política, grupo). Relatado na fala da MULHER 1,

Na verdade, nem acreditava, achava que era mais **uma vez os políticos que vinham prometer e depois das eleições iriam desaparecer**. Com o passar do tempo com as diversas reuniões realizadas em módulos nos finais de semana, onde indagavam sobre as nossas necessidades o que mais precisávamos na comunidade. **E é claro que se fossemos falar tudo que precisávamos era de realmente muita coisa, pois nos sentíamos abandonados. O que mais carecíamos era da saúde e a educação,**

**pois não tínhamos assistência médica contínua e a escola da região era bastante precária (MULHER 1).**

A fala revela que o surgimento dos projetos sociais realizados pelo NIEJ, no caso o projeto “Esse rio é minha Rua”, realizado em vários módulos nas comunidades, trouxe positivas respostas a respeito da participação dos moradores para conhecer e reivindicar seus direitos. Percebemos que a comunidade carece de serviços públicos básicos, como saúde, educação e saneamento. O projeto social, neste sentido, não surge para sanar todas as deficiências dos serviços públicos, e sim como uma forma dos moradores perceberem sua própria situação e poderem tomar providências perante a esfera pública. Como indicado na fala a seguir:

Então eu conheci o projeto Organolate, através de uma reunião que a gente foi na comunidade Bom jardim, a gente mora tudo pertinho, aí vieram essas meninas alunas do CESUPA e **realizaram uma palestra educativa, momento em que expressamos nossa necessidade de organização diante as nossas carências na área da saúde e educação, nasceu a vontade de criarmos uma Associação Comunitária também para legalizar nosso terreno (MULHER 1).**

Nossas leituras defendem que o/a empreendedor(a) social, além de integrar nos meios já existentes de participação, também busca, se for o caso, criar novos meios e maneiras de participar, ajudando outras pessoas a também estarem atuando ativamente na sociedade, naturalmente servindo com propósito da transformação social. Observa-se na fala a seguir:

Nós não tínhamos a ideia de criar uma cooperativa para comercializar o açaí e o cacau ou fazer o chocolate, **o que queríamos era uma resposta dos governantes que diante a nossa situação, percebam nossas necessidades e busquem soluções para melhorar nosso dia a dia.** Sabemos que **vivemos em um paraíso natural só que temos necessidades básicas. Meu interesse em participar do Organolate era de melhorar minha vida e da comunidade (MULHER 1).**

Tendo em vista a ineficiência do Estado, a fala nos mostra a insatisfação das moradoras perante a omissão dos governantes. Como na fala anterior, as moradoras da comunidade se sentem esquecidas pelo poder público que só aparecem em épocas de eleições para conseguir votos e depois não se comprometem em cumprir seus deveres.

A MULHER 1 demonstra que esperava que o projeto pudesse dar visibilidade às comunidades para os problemas nos serviços públicos fossem resolvidos, ou pelo menos

melhorados, tendo em vista que as comunidades são de difícil acesso e localizadas distantes do centro de Barcarena.

A fala também revela uma ânsia de poder sustentar suas necessidades materiais básicas através da sua dedicação às atividades, juntamente com seu grupo, sem pretensões de acumulação material progressiva.

É perceptível com tudo isso que todos/as os/as empreendedores(as) sociais são naturalmente protagonistas sociais. Os/As empreendedores(as) sociais, além de protagonizarem importantes papéis na sociedade, também buscam provocar verdadeiras mudanças sociais a partir das suas inquietações enquanto seres humanos.

Eu pensava em melhorar, porque nós aqui em casa queremos às vezes comprar uma roupa melhor, queremos comprar um eletrodoméstico, e não tínhamos condições. Agora no tempo de entre safra, que não tem açaí, o que tiramos é muito pouco para vender. Então com o cacau podemos **complementar a renda, foi isso que eu pensei ao ingressar no Projeto** (MULHER 2).

A gente esperava melhorar bastante de vida. Aqui no interior nós trabalhamos com o açaí e o cacau, o açaí a gente vende também, e o cacau a gente já começou como um plano B, **para produzir, vender e melhorar de vida** (MULHER 3).

Nesta perspectiva Santana & Souza (2005) defendem que os negócios sociais são gerados e se sustentam por ideias, problemas, causas, valores e vocações e, por sua natureza. O grupo empreende motivado por desafios convergentes em seus objetivos: bem estar do cidadão e melhoria da qualidade de vida. Evidenciamos claramente esta condição nos dados revelados com a pesquisa.

Evidenciamos também a existência de uma situação difícil pela falta de condições primária de bem estar, as falas indicam a necessidade de inclusão social quando definem todos seus anseios com o desenvolvimento do seu negócio.

As mulheres esperam que a iniciativa seja capaz de transformar suas vidas, com cenários de integração e fortalecimento das relações políticas e sociais. Percebe-se nas declarações a força do querer e a esperança de mudança, mesmo que ocorra de forma vagarosa, pelo trabalho integrado que possa gerar políticas públicas e ações corporativas.

c) *Quais as dificuldades encontradas no desenvolvimento do projeto?*

Foram apontadas algumas dificuldades para o desenvolvimento do Projeto Organolate, na maioria dificuldades operacionais como podemos observar nos relatos a seguir:

As visitas às comunidades são feitas conforme a necessidade e são importantes para a realização do acompanhamento contínuo das ações do Projeto, só que temos problema com relação ao custo para do deslocamento até as comunidades, antes só podíamos ir de carro, e era em torno de R\$ 90 reais para levar no máximo cinco alunos e a verba destinada ao Projeto é muito restrita e não garante a efetividade da ação, nos levando muitas vezes realizar coleta para custear as visitas. E olha que temos o apoio das comunidades que sempre nos acolhem com almoço e lanches (ESTUDANTE 2).

Segundo o ESTUDANTE 2 outra dificuldade está relacionada com a efetividade das ações do Projeto, no final do ano de 2015 aproximadamente agosto/2015 até Janeiro/2016 o Projeto ficou sem direcionamento da Coordenação por falta de estruturação, algumas pessoas haviam saído do projeto e estavam sem um coordenador geral, por isso ocorreu a descontinuidade do projeto.

Sobre esta distância os envolvidos no projeto declaram que:

a descontinuidade tanto do encaminhamento das ações e acompanhamento dos processos e resultados, tem levado alguns membros do grupo, muitas vezes ao descredito e abandono do Projeto (ESTUDANTE 1).

Neste sentido, os estudos de Costa (2015: 2) observam que é importante enfatizar que o ato de empreender consiste nas relações de confiança na continuidade e respeito às metas para “o desenvolvimento das ações, programas, projetos e iniciativas que colaborem para que a comunidade territorial, cidade, região ou mesmo país progridam de maneira sustentável”.

De acordo com relato da ESTUDANTE 2 o NIEJ tem a consciência das falhas ocorridas por falta de gestão e continuidade das ações e acrescenta que:

Nos últimos 5 (cinco meses) foi estabelecido um cronograma de visitas e que elas acontecem no mínimo duas vezes por mês. **Quando passamos muito tempo sem ir até as comunidades a cooperativa pensa que abandonamos o projeto**, pois a comunicação com eles é difícil, o telefone não funciona, mas nós resolvemos muitas questões relacionadas ao projeto sem

precisar ir até lá. Hoje, nós fazemos as visitas de acordo com a necessidade, por exemplo, agora iremos lá para fazer a eleição do representante da Cooperativa (ESTUDANTE 2).

A ESTUDANTE 2 relata que a Cooperativa funciona de forma independente do Projeto Organolate, o NIEJ presta consultoria e trabalha para que eles como cooperados cresçam e consigam alcançar as melhores formas de auto sustento. Observem o relato a seguir,

Tanto que atualmente eles têm trabalhado com a manufatura do chocolate, a venda do cacau, e a venda do açaí, todos são produtos coletados nos quintais das casas das pessoas envolvidas. **A principal função das mulheres dentro da cooperativa é a parte de fazer o chocolate. Os homens que estão na cooperativa não sabem fazer o chocolate e acabam ficando com a parte braçal, de colher o cacau, abri-lo, colocar para secar e realizar a fermentação. As mulheres também realizam esta parte, mas normalmente fica para os homens a tarefa** (ESTUDANTE 2).

Como já comentado anteriormente, os homens ao ingressarem posteriormente na cooperativa por não saberem fazer o chocolate se propuseram a realizar as outras tarefas. Entretanto, tais tarefas já eram realizadas pelas cooperadas junto ao trabalho desenvolvido na cozinha. É evidente que esta divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres não se deu a partir das necessidades da cooperativa (no caso de ter alguém para colher o cacau) e sim pelo tradicional trabalho doméstico sempre atribuído as mulheres.

Sobre este assunto Alves (2013) comenta que mesmo tendo trabalhos a serem realizados fora de casa a mulher não se exime da responsabilidade com o trabalho doméstico. Esta característica aumenta quando o trabalho é realizado dentro de casa como uma extensão do trabalho doméstico (cozinhar). Loreiro e Cardoso (2008) também confirmam esta ideia e acrescentam que o esteriótipo da mulher como responsável pelo lar é tão forte que dificilmente elas recebem ajuda de seus esposos ao realizarem a jornada dupla (trabalho doméstico e trabalho externo).

Podemos perceber também que o trabalho de fermentação citado pelo ESTUDANTE 2, não era um trabalho rotineiro na vida dos cooperados, visto que a fermentação da amêndoa do cacau foi algo iniciado após a descoberta de que este produto era rentável junto ao projeto, anteriormente ele era jogado fora. Desta forma, os cooperados aprenderam a fazer a fermentação – um processo feito fora de casa, na área externa – e não se interessaram em aprender a fazer o chocolate, que é o produto mais importante da cooperativa, o que confirma ainda mais esta divisão sexual do trabalho.

As mulheres destacam que a maior dificuldade encontrada no processo de criação do Projeto Organolate se dá pela falta do ambiente adequado para o preparo do chocolate, afirmam ter o mercado para consumo só que não conseguem atender a demanda.

A grande dificuldade que temos enfrentado é a efetivação da construção da cozinha industrial para começarmos o processo de produção do chocolate em maior quantidade. Esta dificuldade é motivada pelo difícil acesso ao terreno destinado à obra, muita dificuldade para transportar o material de edificação, assim como **a falta de recursos para a construção, não existe nenhum incentivo da prefeitura dependemos apenas do Prêmio Santander e da arrecadação ainda pouca da cooperativa (MULHER 1).**

Na fala da MULHER 1 percebemos que a sua maior aflição em relação ao projeto é o andamento da construção da cozinha industrial, que mesmo que tenha o recurso do prêmio Santander este aparenta ser insuficiente, ainda enfrenta desafios como transporte e a comunicação com a coordenação do projeto. A falta de incentivos do Estado também afeta o bom andamento da construção, que, como constatamos na fotografia acima, se encontra parada.

Sobre esta temática, os estudos de Dumas (2001) apontam que mulheres de baixa renda se deparam com variadas barreiras, muitas relacionadas com a falta de documentos e experiências, e a falta de ajuda do governo. A autora relata a necessidade do amparo por meio da implementação de políticas públicas, ou programas para ajudar grupos excluídos economicamente, para que eles se tornem autosuficientes. No caso do projeto, mesmo sendo comunidades de baixa renda até hoje ainda não receberam nenhum auxílio do governo ou entidades públicas, apenas a oferta de um terreno pela prefeitura de Barcarena que não pode ser aceito por não ser viável a todas as cooperadas. Assim, todas as ajudas financeiras foram provenientes de instituições privadas (o Santander e o Cesupa).

A falta de visibilidade perante o poder público dificulta a vida de todas as moradoras da comunidade, pois até as infraestruturas mais básicas, como luz e água encanada se tornam uma dificuldade sem o auxílio do governo. Como dito na fala da PROFESSORA 1, anteriormente, a luz elétrica só chegou até às comunidades após uma mobilização geral dos moradores que, juntos, conseguiram juntar a quantia de R\$ 85.000,00 e de forma clandestina conseguiram instalar luz elétrica nas comunidades.

A gente sabe que não foi certo o que fizemos, que a energia que chega até aqui não é legalizada, mas foi a única forma que achamos de ter energia. Antes a gente já havia pedido para a prefeitura vir instalar energia aqui na comunidade, eles sempre diziam que vinham, mas na hora não apareciam. **Fizemos mesmo como uma forma desesperada de chamar a atenção do governo, mais já tem anos que instalamos e eles não fizeram nada, nem vieram aqui desinstalar** (MULHER 1).

Nesta fala fica evidente a ineficiência do Estado e o descaso com as comunidades. Outras dificuldades enfrentadas pelas mulheres são identificadas no relatório GEM (2014) na qual aponta que 25% das mulheres percebem um tratamento diferenciado pelas instituições financeiras brasileiras e devido a isso a busca de recursos para empreender, no caso das mulheres, ainda configura-se como um entrave no processo. Existe a exigência das agências financiadoras como garantia para efetuar o empréstimo o vínculo de dependências das mulheres, com maridos ou outras figuras masculinas, carecendo do aval destes para viabilizar o financiamento. Dumas (2001) também destaca a dificuldade de muitas mulheres iniciarem atividades laborais fora de casa, devido às limitações em enfrentar o aumento da jornada de trabalho e direcionar suas tarefas domésticas. E pensando exatamente em diminuir essas dificuldades:

O local para edificação da cozinha industrial foi escolhido por ser próximo das comunidades envolvidas no Organolote **o que possibilitara a participação efetiva das mulheres, sem seu total afastamento da roça e do seu lar**. Porque trabalhamos com as 03 comunidades Bom Jardim, Tracauteua e Arauaia, nosso foco é mostrar como é a vida ribeirinha, e como o projeto começou no Bom Jardim ai solicitamos que fosse feito lá (MULHER 1).

O Prefeito ofertou um terreno na cidade de Barcarena só que não aceitamos devido, como falei anteriormente **ficaria muito difícil levar todas as mulheres para lá, porque nós temos o mato para cuidar além das nossas casas**. Quem vai tirar o cacau do mato? Quem vai secar o cacau? Então compreendemos que teríamos muitas dificuldades de locomoção, então conversamos com o órgão financiador da construção da cozinha industrial para trazer a edificação da cozinha pra cá e assim também trazer visibilidade para comunidade. **As obras da cozinha estão em andamento, o processo é lento por conta do transporte já que é todo realizado pelo rio** (MULHER 1).

A fala acima revela a dificuldade de conciliar os múltiplos papéis sociais como os de mães, esposas e empreendedoras e constitui-se um dos problemas relatados. Percebemos que em relação a criação dos filhos as mulheres entrevistadas não demonstram preocupação devido os filhos terem idade a partir de 12 anos e não necessitarem de cuidados mais específicos, já a estrutura familiar as preocupam, pois todas as tarefas domésticas lhe são atribuídas.

Fica evidente que, mesmo atuando fora de casa como já evidenciado por Loreiro e Cardoso (2008) e Alves (2013), o cuidado com o lar ainda é uma preocupação apenas para as mulheres, que no caso das cooperadas somam com o trabalho da roça de seus quintais e a produção do chocolate. Assim o trabalho com o Organolate tem que ser realizado de forma conciliada com os demais.

*d) Quais as mudanças, construção e objetivos alcançados pelo projeto nas Comunidades Bom Jardim, Traquateua e Arauaia?*

Muitos são os motivos que levam as mulheres a empreender como: buscar uma ocupação remunerada; opção profissional; satisfação. Um dos motivos mais citados neste estudo refere-se à mudança de vida e da realidade social local.

Nesta perspectiva, para as mulheres pesquisadas a oportunidade de integrar o Projeto Organolate, proporciona uma forma de melhorar suas vidas no aspecto econômico e social além de criar otimismo para contornar as dificuldades enfrentadas pelas comunidades ribeirinhas.

A pesquisa revelou que as mulheres ribeirinhas ao participarem do projeto encontraram motivação para transformar sua realidade e buscam a realização pessoal e social, conforme podemos verificar no relato da MULHER 1 que destaca:

O projeto me fez **pensar em muitas outras coisas para o meu crescimento pessoal.**

Eu nunca pensei que iria fazer uma universidade, e com a saída daqui para participar dos cursos e reuniões do projeto, encontrei outras pessoas que abriram **possibilidades de novos horizontes, despertar me fez conhecer o mundo lá fora** (MULHER 1).

Nesta perspectiva, Machado (2012) observa que a satisfação das mulheres é originada muito mais da própria ação na busca por soluções e transformação do que pela própria resolução de problemas. A capacidade de adaptabilidade em resposta aos desafios constantes surgidos na atividade empreendedora faz com que as mulheres experimentem um

processo de bem-estar contínuo. Nesta lógica o que identificamos nas falas, revela que os anseios são muito maiores do que simplesmente a conquista de uma ocupação remunerada.

[...] aqui sempre dizíamos que a saúde, a escola, os transportes estavam muito ruins e nós o que fazíamos para melhorar? Nada! Na verdade, estávamos só esperando que acontecesse, que alguém fizesse. Não nos encachávamos na realidade com o propósito de **atuarmos fazendo a nossa parte de forma a trazer a transformação.** Também **melhorei muito na relação com minha família no trato nas conversas os planos. Eu como pessoa me tornei uma pessoa melhor** (MULHER 1).

Machado (2012: 8) indica que existem outros fatores de satisfação aparentes nas atividades empreendedoras femininas que devemos destacar relacionados a: “autonomia no trabalho, poder de decisão, poder criativo, afirmação dos próprios valores e identificação com a empresa”. Fato confirmado na fala a seguir:

Quando iniciei no Projeto ainda não tinha nem o Ensino Médio, e com o convívio **voltei a estudar e busquei participar de forma efetiva nas comunidades ajudando as pessoas e influenciando no sentido de juntar forças para conseguirmos por meio do novo aprendizado nossas melhorias.** [...] Dizia sempre ao grupo que éramos o meio e detínhamos autonomia, éramos nossas chefas ditamos nossas regras e controlamos nossas ações (MULHER 1).

A fala também evidência a mudança relacionada com a forma de pensar das cooperadas. Voltar aos estudos demonstra uma nova perspectiva de vida que almeja alcançar novos desafios e resolver situações que aparentavam que não poderiam ser respondidas pelas comunidades.

A autora também enfatiza que a possibilidade de determinar o ritmo de trabalho, e ter quase nenhuma interferência de terceiros, já que existe um grupo de trabalho definido com atribuições e interesses pessoais satisfeitos, caracterizam-se as principais fontes de satisfação diferenciada das empreendedoras, que se sentem muito comprometidas com seu trabalho. Como evidente nas falas a seguir:

Nós as mulheres do Projeto, **estamos atualmente focadas no trabalho, largamos mais nossas atividades domésticas. Eu pelo menos gostava muito de estar ariando panelas agora não quero saber disso meu foco é outro tenho outros anseios** (MULHER 1).

**Procuo sempre organizar minhas tarefas domesticas para realizá-las nos intervalos das reuniões e das tarefas direcionadas ao projeto.** Eu aprendi muita coisa, principalmente que temos deveres, mas também temos direito. Por aqui era assim – trabalhávamos somente para ter o que comer e ficávamos aguardando as ações políticas, resolverem outras coisas (MULHER 3).

Segundo os estudos de Machado (2012), as mulheres empreendedoras sempre relacionam suas vidas, buscando a harmonia com a atividade empreendedora. Se, por um lado, elas se beneficiem da condição de melhor gerenciar os seus compromisso e horários de outro precisam se dedicar mais investindo na maioria das vezes muito mais horas diárias e atenção e ritmo nas atividades.

Nas falas percebemos que as perspectivas de vida das mulheres estavam muito relacionadas com as atividades que elas exerciam em seus lares, afinal em seu dia-a-dia estavam sempre exercendo atividades domésticas. Atualmente, elas se organizam e buscam formas para conseguir aquilo que desejam.

Segundo Machado as mulheres se dedicam intensamente às atividades por terem afinidades e gostarem intensamente do que realizam, a autonomia no trabalho e a capacidade de tomar decisões “são aliados das empreendedoras no exercício dos múltiplos papeis, proporcionando-lhes um sentimento de auto-realização” (2012: 7). Como podemos observar a seguir:

Daqui a 3 anos estarei formada e espero que a cozinha seja concluída e todas as fases da produção do Organolate sejam estruturadas e consolidadas, **e que possamos no futuro mostrar para a comunidades ribeirinha de forma geral quando a gente luta com fé e tem amor no que realiza sempre consegue realizar seu sonho com êxito** (MULHER 1).

**Eu sempre ansiei aprender coisas novas, principalmente voltadas para nossa realidade em relação a melhorias em diversos aspectos como: relacionamento familiar, organização do processo de colheita e cuidados para melhorar nosso rendimento.** Enfim, **queria muito evoluir sem precisar abandonar meu lar, minhas raízes** (MULHER 2).

**A minha vida melhorou bastante desde o inicio do projeto.** Todas as vezes que recebemos a visita da coordenação do projeto eles ajudam muito a gente. **Por exemplo, esse barco aqui é nosso, já conseguimos comprar com o dinheiro do**

**projeto. Já temos uma lancha, tudo isso foi conquistado com a venda do cacau e do açaí (MULHER 3).**

Percebemos com as falas das cooperadas que o projeto mais do que renda agregou novos valores nas vidas das mulheres. Agora elas enxergam seu futuro de forma diferente e em suas ambições percebemos que as maiores mudanças que o projeto trouxe foram em relação a sonhos e perspectiva de vida. Como voltar a estudar, a vontade de evoluir pessoalmente e o desejo de modificar suas vidas e as das pessoas em volta.

*e) Até que ponto este empreendimento social contribuiu para a capacitação das mulheres das comunidades abrangidas.*

A lista de capacitação para o desenvolvimento humano, identificada por Nussbaum (2003) em seus estudos traz dez pontos essenciais para medir a capacitação de mulheres para a efetivação da justiça social, como vimos no texto anteriormente.

Esta lista conduz a explicação de que os itens são indispensáveis para que as mulheres tenham condições de viverem suas vidas com plenitude aproveitando ao máximo suas experiências. Ela cita desde as necessidades básicas do ser humano, como viver, se alimentar, se locomover, ter saúde e integridade física, até às necessidades relacionadas com desenvolvimento da pessoa e o mundo externo.

Nesta perspectiva, em nosso estudo buscamos relacionar os pontos que entendemos que a participação no empreendimento social pode agregar valores para estas ações de formação, por possuírem relações com as atividades desenvolvidas no empreendimento, assim destacamos:

- Sentidos, imaginação e pensamento.
- Emoções
- Razão Prática
- Controle sobre o ambiente: Política.

No primeiro ítem, Sentidos, imaginação e pensamento, Nussbaum (2003) identifica que as mulheres devem ser capazes de pensar utilizando a razão, de imaginar situações futuras e de ter direito à educação de forma crítica que as conduza a ter a capacidade de refletir sobre as diversas manifestações artísticas, sobre diferentes religiosidades, sobre informações, e em geral, ser capaz de formular um pensamento crítico.

Sobre isto destacamos as falas das mulheres quando ressaltam que no engajamento com o projeto perceberam que existia mais a fazer em relação ao seu crescimento pessoal, maiores possibilidades, conhecimentos e novas alternativas para melhorar seu modo de vida. Assim como a compreensão da importância de sua ação e participação no sentido de transformar, fazer acontecer.

O retorno aos estudos desde a educação básica até ao ingresso em cursos de educação profissional e superior. Este acesso se fez por meio das instituições públicas e privadas localizadas no município de Barcarena. Destacamos a modalidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA, presente na maioria das escolas públicas estaduais e municipais e os programas educacionais de ensino superior que asseguram a formação no campo através de cursos presenciais, semipresenciais e a distância ofertados por universidades públicas e privadas.

A troca de informações e conhecimentos com as participações em reuniões, entender que existem possibilidades quando se busca transformar, mudar. Quando entrevistada a MULHER 3 enfatiza que com o envolvimento no projeto sua vida e seus pensamentos mudaram

Antes de decidir que participaria do Projeto estava muito desestimulada com muito receio por não ter ideia do que poderia acontecer, não sabia o que fazer como me comportar nas reuniões [...] Depois da segunda reunião já estava muito animada e esperava com ansiedade pelo momento, sempre traziam algo novo não só a equipe do NIEJ, também observava meus vizinhos relatando suas experiências o que abria meus pensamentos para mil possibilidades em as minha praticas como eu poderia melhorar (MULHER 2).

Nussbaum (2003) destaca a capacidade de usar a imaginação e pensamento conectados a diversas possibilidades de conhecimentos, como a capacidade de escolher as experiências que lhes são positivas e as venham beneficiar. Nas falas citadas anteriormente, na qual as MULHERES 1 e 3 falam sobre a importância que elas atribuíam ao trabalho doméstico e o quanto isto mudou após ingressarem no projeto, confirma a mudança relacionada com a forma de pensar e os objetivos que elas passaram a ter após se comprometerem com o projeto. Na fala a seguir percebemos que a mudança na forma de pensar modifica a rotina e a forma de se autoanalisar.

Eu nunca trabalhei [...] antes não fazia nada, a minha rotina era só aqui em casa, colhia o cacau, batia açáí, limpar a casa. Eu gosto muito de ir a igreja, e **muitas coisas que eu via mudaram, muitas pessoas dizem que porque nós somos no interior a gente não sabe das coisas, mas eu não quero sair daqui do interior, quero melhorar a minha vida e permanecer aqui** (MULHER 3).

O ponto relacionado às Emoções destacado pela autora como possibilitador de ligações, foi bastante estimulado pelo projeto que integrou famílias e vizinhos em prol de objetivos comuns, de certa forma criando laços de apoio mútuo. “Com o projeto eu aprendi muita coisa, **mudei meu jeito de ser de pensar, agir com as pessoas**” (MULHER 2).

Tal como Nussbaum destaca, as formas de associação humana são essenciais para o desenvolvimento:

[...] aí vieram essas meninas alunas do CESUPA e realizaram uma palestra educativa, momento em que **expressamos nossa necessidade de organização diante as nossas carências na área da saúde e educação nasceu a vontade de criarmos uma Associação Comunitária** também para legalizar nosso terreno (MULHER 1).

A criação de uma associação comunitária demonstra a proximidade criada entre os moradores das comunidades como uma alternativa para desenvolver suas expectativas e criar formas de solucionar suas carências esquecidas pelo poder público.

Em relação ao ponto razão prática, destacado pela autora, percebemos que o grupo pesquisado, de forma unanime se envolveu no planejamento das ações, opinando, discutindo sempre na perspectiva do bem comum. Atentemos na seguinte fala:

Tinha muita esperança do projeto ser nossa saída, sabe? Uma forma de reunir todos para conversar, tentar discutir nossos problemas. Aqui a distancia nos isolava viviamos em família em nosso dia a dia não existiam reuniões conversas só nos encontravamos no culto/igreja para rezar e voltávamos cada um na sua vida, na sua dificuldade, no seu interesse (MULHER 2).

A fala é reveladora da integração alcançada – antes do projeto existia uma desarticulação entre os moradores da comunidade, cada família em sua vida. Com as atividades do projeto percebe-se que ocorreu uma expressiva mudança em relação às atitudes que deveriam ser tomadas para que elas melhorassem suas vidas a partir das suas próprias perspectivas.

A autora acredita que as mulheres devem ser capazes de analisar suas vidas e de reconhecer suas próprias fraquezas e de formular suas ambições. Pela forma em que as mulheres se auto criticam, como quando dizem que antes “não fazia nada” (MULHER 3) ou que “nunca havia pensado em o que eu podia fazer para melhorar” (MULHER1), mostram que são capazes de se auto analisarem e perceberem a melhor maneira de seguir com suas vidas.

Sobre o controle sobre o ambiente a autora divide em duas categorias, política e materiais. O desenvolvimento das capacidades relacionadas à política foi perceptível pela criação da associação comunitária, a ida até à prefeitura para cobrar a falta de compromisso da gestão e as reuniões para discutir suas necessidades, que as mulheres tiveram grandes avanços em suas capacidades neste sentido.

O direito ao voto e à participação política são assegurados constitucionalmente no Brasil. Entretanto, notamos que o ingresso no projeto transformou a mentalidade das mulheres a respeito desses direitos como forma efetiva de participar e se beneficiar, como podemos ver na seguinte fala:

Depois de 2 (dois) anos quando já estávamos com a associação toda legalizada [...], chamou atenção do Prefeito do Município de Barcarena e ai começou a melhorar a saúde e os professores que vinham para dar aulas davam pela metade, faltavam muito, ai a gente começou a criar pernas para chegar as autoridades com nossas reivindicações bater na porta deles e mostrar as dificuldades relacionadas principalmente a Educação (MULHER 1).

## CONCLUSÃO

Os resultados oriundos deste estudo nos revelaram questões pertinentes acerca do nosso problema de pesquisa que buscou verificar se a iniciativa de empreendedorismo social, na perspectiva do desenvolvimento das atividades do exercício profissional, tem contribuído para as mudanças nas metas e objetivos para a vida futura das mulheres envolvidas.

Procuramos organizar o trabalho buscando responder o que chamamos de temas para análise, abaixo relacionados:

- a) Qual o contexto da criação do Projeto Organolate como uma iniciativa de Empreendedorismo Social?
- b) Quais os principais interesses das mulheres no início do projeto?
- c) Que dificuldades surgiram durante o desenvolvimento do projeto?
- d) Quais as mudanças, construção e objetivos alcançados pelo projeto nas Comunidades Bom Jardim, Traquateua e Arauaia?
- e) Até que ponto este empreendimento social contribuiu para a capacitação das mulheres das comunidades abrangidas?

Nossas intenções com estas questões foram compreender como o projeto Organolate se desenvolveu desde sua implantação e como ele influenciou as perspectivas de vida das mulheres envolvidas. Mediante os dados obtidos no decorrer da pesquisa, pudemos constatar que o projeto foi criado e se desenvolveu como um empreendimento social, com o interesse de ajudar as mulheres da comunidade a desenvolverem uma atividade financeira própria, na qual empoderasse e fosse viável a todas.

O interesse em relação à primeira indagação foi de levantar informações sobre a implantação do Projeto Organolate, de como ocorreu a sua criação e quais seus objetivos perante as mulheres das comunidades. Demos continuidade explicando a atual gestão do projeto que iniciou no início do ano de 2016, suas metas e objetivos.

O projeto foi criado a partir do diagnóstico realizado por outro projeto social que constatou a necessidade de oferecer as moradoras das comunidades uma atividade laboral que elas pudessem desenvolver e fosse de seus interesse. Como dito pela PROFESSORA 1, as mulheres eram bastante ativas e interessadas nas reuniões, esperavam pelo momento em que os estudantes do Niej chegassem e participavam ativamente dos encontros.

A ideia de criar o projeto surgiu após a equipe do NIEJ descobrir o potencial do chocolate que era produzido pelas moradoras. Criar um empreendimento social requer uma

ideia original que possa se destacar no mercado de forma a se diferenciar das demais ideias e, portanto, não fracassar perante a competitividade do mercado e ainda objetivar resultados coletivos e não individuais (Oliveira, 2011).

Não foi por acaso que o projeto organolote surgiu, o NIEJ procurou um produto que as mulheres pudessem fazer e que tivesse boa recepção pelo mercado. Antes de escolher o chocolate, haviam tentado desenvolver outros produtos artesanais, sem muito sucesso. A produção do chocolate já era conhecida pelas mulheres o NIEJ só precisou ensinar técnicas de como gerir um negócio, de como produzir o produto de acordo com as normas de higiene e de como utilizar o marketing para a promoção do produto.

Desta forma, o projeto foi criado em um contexto gerador de mudança social para as moradoras das comunidades. Antes do projeto, estas tinham cotidianos baseados em tarefas domésticas. Como dito pela MULHER 1, antes ela “adorava ariar panelas”, mas após o projeto isto mudou e suas ambições passaram a ser outras.

Com a segunda indagação a respeito dos interesses das mulheres no início do projeto, nós esperávamos perceber o que as levaram a participar do empreendimento, quais suas ambições e objetivos com o projeto. Percebemos nas suas falas que o principal objetivo almejado era melhorar de vida.

Este objetivo compreendia vários sentidos. Um primeiro sentido era o financeiro. Ter condições para pagar uma educação de qualidade para seus filhos, de poder pagar tratamentos médicos quando necessário, e de somar com a renda dos seus lares. O lucro que era almejado no início do projeto continua como um objetivo a ser alcançado quando a cozinha industrial estiver pronta.

Trazer visibilidade para as comunidades também aparece como um dos objetivos ao integrar o projeto. Existe uma angústia na fala das cooperadas ao se referirem ao poder público, no qual elas se sentem isoladas e esquecidas pelo governo. Na fala da MULHER 1, ela comenta que teve esperança das comunidades passarem a ter mais evidência para a efetivação de direitos individuais e coletivos após a criação da cooperativa e do projeto social.

Percebemos que esta visibilidade ocorreu após as comunidades se organizarem e fundarem uma associação com o objetivo de discutir os problemas e tentar solucioná-los. Assim, não foi o projeto que trouxe visibilidade para as comunidades e sim a organização

das moradoras que passaram a cobrar melhorias e o posicionamento dos órgãos públicos a respeito das demandas sociais.

Através das falas entendemos que houve algumas dificuldades no desenvolvimento do projeto. Um empreendimento social é baseado em uma relação mútua de confiança, na qual todos os envolvidos geram o capital social ao se desenvolverem coletivamente. A falta de comunicação entre o NIEJ e as cooperadas dificultou o andamento do projeto o que resultou em uma quebra de confiança, por isto durante alguns meses houve a descontinuidade do projeto.

Isto prejudicou principalmente a construção da cozinha industrial, que segundo as falas das cooperadas foi a maior dificuldade que enfrentaram até agora. Sem a cozinha é impossível produzir o chocolate em grande escala e, como dito pela MULHER 3, a higienização do local de produção é essencial para produtos alimentícios, o que não se pode garantir em um ambiente inapropriado.

O atraso na construção da cozinha foi gerado por uma dificuldade de comunicação entre o NIEJ e as cooperadas. Na fala do ESTUDANTE 1, fica claro que houve uma descontinuidade do projeto, pois grande parte da equipe do projeto (junto com o coordenador) haviam concluído seus estudos e por isto parado de participar das atividades do NIEJ.

Entendemos que a continuidade nas ações é essencial para a efetividade e eficácia do empreendimento que durante alguns meses ficou sem planejamento por falta de pessoal que tivesse informações sobre o projeto. Como a saída dos membros é algo considerado rotineiro em projetos organizados em instituições de ensino, a equipe deveria ter uma maneira de repassar informações aos novos membros através de relatórios e um banco de dados.

Percebemos que algumas informações se perderam com o tempo, pois a equipe não se organizava para manter um registro sobre as atividades que eram realizadas. Por exemplo, como as ações de formação foram feitas logo no início do projeto, apenas as cooperadas puderam nos informar sobre o assunto por estarem presentes na época em que ocorreram. Os atuais estudantes membros do projeto não tinham informações a respeito da maioria dos acontecimentos referentes ao empreendimento que sucederam nos anos anteriores.

Entretanto, a atual gestão do projeto que iniciou suas ações em janeiro de 2016 já percebeu esta carência e está reorganizando a gestão para que acontecimentos como este não volte a se repetir. Até o momento desta pesquisa os estudantes estavam em processo de

construção de um novo regimento interno para organizar o projeto. A nova gestão deu continuidade na construção da cozinha industrial, e preza pela comunicação constante com as cooperadas para não criar um sentimento de abandono na cooperativa.

O quarto tema de análise nos possibilitou entender o que mudou nas vidas das cooperadas após ingressarem no projeto. Através das falas percebemos que houveram muitas mudanças relacionadas principalmente com os objetivos de suas vidas e seus anseios.

As reuniões realizadas pelo NIEJ nas comunidades, como dito na fala da MULHER 1, despertou um desejo de se profissionalizar e retomar os estudos, ingressando no ensino superior. Consideramos que a busca pelo conhecimento é um indicativo de positiva mudança pessoal que demonstra a vontade das cooperadas de mudar seus estilos de vida. Isto mostra que houve uma autocrítica na qual o conhecimento se tornou um objetivo de vida.

O lucro financeiro, que foi um dos principais motivos para o ingresso no projeto, atualmente não consta como mudança no estilo de vida das cooperadas. Pelo contrário, as mulheres entendem que o lucro financeiro irá surgir como uma consequência do trabalho realizado e que isto só será possível após a construção da cozinha industrial. Neste sentido, a verdadeira mudança que o projeto proporcionou na vida das mulheres foi em consequência de estarem envolvidas em uma atividade profissional, de terem em seus cotidianos metas e objetivos ligados a suas novas funções.

O empreendimento, nesta lógica, surge como uma satisfação em si mesmo. Independente dos lucros que ele proporciona, a rotina de estar em uma atividade laboral transforma os anseios e objetivos das mulheres e as fazem refletir sobre novas atividades, sobre soluções para os problemas que surgem com o empreendimento, sobre sonhos e perspectivas para o futuro.

Desta forma, nossa última questão norteadora surgiu com a intenção de medir sobre a perspectiva de Nussbaum (2003) que capacidades foram desenvolvidas pelas mulheres após o ingresso no projeto Organolate.

Neste tema de análise, selecionamos quatro itens da lista de Nussbaum (2003): Sentidos, imaginação e pensamento; Emoções; Razão Prática e Controle sobre o ambiente: Política. Esta seleção foi feita por acreditarmos que o empreendimento só poderia influenciar nestas quatro categorias.

Compreendemos que o projeto entusiasmou positivamente na capacitação das mulheres, tendo em vista que proporcionou formas de integração social, educacional,

profissional e familiar. Sobre o primeiro ítem, percebemos que após se envolverem com o projeto as mulheres passaram a se interessar por diversas formas de obter conhecimentos. Como voltar a estudar, participar das ações de formação desenvolvidas nas comunidades. A principal mudança sobre este ítem, acreditamos estar em torno da curiosidade, vontade de aprender coisas novas, que foi aguçada pelo projeto.

Sobre o segundo ítem, o projeto proporcionou a integração de moradoras e moradores das comunidades. Através de momentos de articulações entre o grupo, na qual puderam produzir debates sobre objetivos e anseios. A associação criou-se neste contexto e foi fundamental para o desenvolvimento da terceira e quarta capacidade.

A razão prática como uma forma de desenvolver a autocrítica foi estimulada pelo projeto, ao apresentar às mulheres alternativas ao seu cotidiano. Isto as fez refletir sobre suas vidas e adotar hábitos diferentes. Percebemos que as maiores mudanças proporcionadas pelo projeto se desenvolvem no caminho destas percepções que trazem a mudança pessoal a cada mulher envolvida.

A quarta capacidade foi desenvolvida no sentido de passarem a se relacionar com a política de forma ativa. A associação criou momentos de reflexão conjunta entre os moradores, e os fez pensar sobre o abandono e a exclusão que sofriam no local em que moravam. Assim, começaram a cobrar seus direitos aos poderes públicos.

Mesmo o projeto sendo desenvolvido integralmente por alunos, sem contínuo acompanhamento do corpo docente que integra o NIEJ, com cobrança de relatórios e frequentes reuniões avaliativas, reuniões de (re)planejamentos, as ações implementadas até agora conforme o resultado exposto causou um impacto positivo na vida e pensamento das mulheres das comunidades de Tracuateu, Arauaia e Bom Jardim.

Destacamos que as atividades desenvolvidas pelo projeto, ainda que com um processo restrito, lento e com muitos pontos a serem corrigidos, tiveram em sua essência uma intenção positiva e relevante que muito tem ajudado no desenvolvimento das comunidades pesquisadas. Estas que são caracterizadas como ribeirinhas e convivem com o isolamento econômico, social, falta de políticas públicas e por habitarem uma região onde a força da natureza modifica sua realidade constantemente, limitando e desafiando a adaptação dos moradores em busca de meios para sua subsistência.

Constatamos que para a realização com sucesso e efetividade de um trabalho na dimensão do desenvolvido pelo NIEJ, necessitaria desde sua implementação de um plano de

ação, mais elaborado definido por etapas estratégicas envolvendo atores fundamentais como: universidade, indústria, sociedade civil, autoridades locais que iniciariam o desenvolvimento do projeto com uma pesquisa acadêmica focada nas necessidades das mulheres e possíveis demandas de atividades laborais, apresentadas pelo local e comunidades circunvizinhas, o que não impediria ações paralelas de aplicação da formação e capacitação das pessoas envolvidas, assim como o desenvolvimento experimental.

A esse respeito a pesquisa revela que o projeto muito se perdeu por não ter havido um estudo mais elaborado cientificamente, com relatórios e anotações das ações desenvolvidas, e pela relação dicotômica entre o trabalho manual e o trabalho intelectual. Isto nos surpreendeu, tendo em vista que a direção do projeto Organolate é basicamente acadêmica.

Entretanto, como dito por Oliveira (2012), o “fracasso” de um empreendimento social pode vir a servir como aprendizado para os demais projetos que irão surgir futuramente, principalmente quando se trata de ES cujas dificuldades de efetivação são demasiadas. As universidades possuem um papel importante neste processo de produzir conhecimentos, investigar o fracasso, e por em prática através dos projetos universitários as teorias levantadas (Moura e Meira 2014).

A partir deste resultado apontamos para a necessidade da criação e implantação de projetos ou políticas nas regiões ribeirinhas do Estado, que envolvam a participação conjunta de entidades governamentais e não governamentais em prol de efetivas e necessárias ações pautadas no conceito de Inovação Social. Tal permitiria gerar mudanças significativas atendendo aos preceitos identificados nos estudos de André e Abreu (2006), que ressaltam a importância da satisfação das necessidades humanas; a promoção da inclusão social; e a capacitação de agentes, aos processos de exclusão/marginalização social.

Modelo este de inovação social que se caracteriza em uma nova abordagem ao qual chamamos de parcerias público-privadas, que objetivam o incentivo de técnicas e metodologias que possibilitem, realmente, a transformação social de uma determinada comunidade. O que se adequa a situação das comunidades pesquisadas neste estudo por serem comunidades tradicionais ribeirinhas, que possuem experiência no trato e conservação da diversidade biológica da região e valorizam a relação homem e a natureza e necessitam de ações afirmativas para melhorar a qualidade de vida.

Também sobre isto, nosso entendimento é que a operacionalização de novas experiências no campo das inovações e empreendedorismo social em nosso Estado poderão ocorrer pela adoção do modelo da Quadrupla Helice. Segundo Ferreira (2013), o modelo compreende a importância da integração da sociedade civil junto às universidades, à indústria e ao poder público. Esta relação entre a academia e o mundo do trabalho (setor Industrial/empresarial), sobretudo no campo da ciência e tecnologia, assim como a efetiva participação das instituições governamentais, e sociedade civil e o público, são fundamentais para o desenvolvimento de conhecimentos, novos serviços e tecnologias.

Destacamos, a importância da cultura, valores e estilos de vida, heterogeneidade, diversidade, exatamente o que identificamos junto ao trabalho desenvolvido nas comunidades pesquisadas. Isto possibilita o desenho das estratégias e políticas de conhecimento e inovação, ações mais focadas e efetivas em suas metas e objetivos, em que cada instituição (representante) terá uma parcela de compromisso definida o que consiste em encurtar distâncias e promover iniciativas para integrar agentes, ideais, mercados e soluções (Ferreira, 2013).

Para a realidade do projeto Organolate o estudo sobre esta integração nos faria compreender melhor a relação entre suas expectativas e o desenvolvimento de suas ações. Visto que o projeto foi idealizado por uma universidade particular, e aplicado em uma região culturalmente peculiar e esquecida pelo Estado, sem apoio governamental.

Concluimos nosso trabalho entendendo que embora muitas vezes os profissionais e as instituições busquem desenvolver propostas inovadoras, redundam em práticas contrárias, pela indisponibilidade de efetivar encaminhamentos essenciais como: planejamento, articulação entre os setores determinantes para o êxito da ação, avaliação e acompanhamento contínuo das práticas.

Assim, entendemos que a pesquisa realizada neste estudo caminha para a composição de um quadro de referências acerca de projetos sobre o empreendedorismo social, especificamente os mais voltados ao atendimento de mulheres no Estado do Pará. A partir deste estudo a nossa intenção é levantar questões e estimular novas ações que venham a ser implementadas no âmbito das políticas públicas e das pesquisas nesta temática.

## BIBLIOGRAFIA

- Alves, Ana Elizabeth Santos (2013) “Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família”. *Trabalho, Educação, Saúde*. 11 (2). 271-289.
- Alvord, Sarah; Brown, David L.; Letts, Christine W. (2004) “Social Entrepreneurship and Social Transformation: An Exploratory Study” *The Journal of Applied Behavioral Science*. No 40, 260-282.
- Amorim, Rosane Oliveira; Batista, Luiz Eduardo. Empreendedorismo Feminino: Razão Do Empreendimento. Disponível em <http://faculdefinan.com.br/pitagoras/downloads/numero3/empreendedorismo-feminino.pdf> [21/03/2016].
- André, Isabel; Abreu, Alexandre (2006) “Dimensões e Espaços da Inovação Social” *Finiterra*. XLI (81), 121-141.
- Beauvoir, Simone (1980). *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Brasil “LEI Nº 9.732” [http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1998/lei-9732-11-dezembro-1998-369805-norma-atualizada-pl.html](http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1998/lei-9732-11-dezembro-1998-369805-norma-1998-369805-norma-atualizada-pl.html) [06 de junho de 2016].
- Brasil “Lei nº 9.790” [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/leis/L9790.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9790.htm). [06 de junho de 2016].
- Carvalho, Débora Nacif de (2006) *Gestão e Sustentabilidade: um estudo multicasos em ONGs ambientalistas em Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado) em administração. Universidade Federal de Minas Gerais. <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/CSPO-6VDHWP> [20 de março de 2016]
- Costa, Claudia Soares e Visconti, Gabriel Rangel (2001). “*Terceiro Setor e Desenvolvimento Social*”. GESET – Gerencia de Estudos Setoriais. Relato setorial nº 3.
- Costa, Marizélia Gomes (2015). “O Empreendedorismo e a Responsabilidade Social: Uma experiência.” *Responsabilidade social edição nº 190*, <http://www.responsabilidadesocial.com/artigo/o-empendedorismo-e-a-responsabilidade-social-uma-experiencia/> [25 de abril de 2016]

- Coutinho, Clara (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Portugal: Edições de Almedina.
- Dees, J. Gregory (1998) “*the mean of social Entrepreneurship*”. Kauffman Center for Entrepreneurial Leadership, StanfordUniversity.
- Dumas, Colette (2001). “Micro Enterprise Training for Low-Income Women: the Case of the Community Entrepreneurs Programme”. *Journal of Entrepreneurship*. 10 (17). 17-41.
- Estado do Pará. “Alteração toponímica municipal”. Decreto-lei estadual nº 4505. [30 de dezembro de 1943].
- Fávero, Maria Helene (2010). “Mediação de conhecimento e gênero: uma hegemonia partilhada” *In* Ettiène Guérios e Tânia Stoltz (eds.) *Educação e Alteridade*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 179-194.
- Ferreira, Celina (2013). Redes de inovação e políticas públicas: conceitos, modelos analíticos, abordagens empíricas e preocupações das políticas na atualidade. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)*. 4. 109- 128
- Ferreira, Silvia (2005) "O que tem de especial o empreendedor social? O perfil de emprego do empresário social em Portugal". *Coimbra Oficina do CES*, <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/index.php?id=2562> [6 de setembro de 2016]
- \_\_\_\_\_ (2009) “Terceiro Sector” *In* Cattani, Antônio; Laville, Jean-Louis; Gaiger, Luiz; Hespanha, Pedro (eds.) *Dicionário Internacional da Outra Economia*. Coimbra: Almedina, 322- 327.
- GEM (2007). “Empreendedorismo no Brasil Relatório executivo”, <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/GEM-Brasil-2007.pdf> [20 de julho de 2016]
- \_\_\_\_\_ (2010). “Empreendedorismo no Brasil”, [http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/livro\\_gem\\_2010.pdf](http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/livro_gem_2010.pdf) [20 de julho de 2016]

- Gerhardt, Tatiana Engel; Ramos, Ieda Cristina Alves; Riquinho, Deise Lisboa; Santos, Daniel Labernarde dos (2009). “Unidade 4 – Estrutura do projeto de pesquisa” in Gerhardt, Tatiana Engel e Silveira, Denise tolf (eds) *Método de pesquisa*. Brasil: UFRGS.
- Godoy, Arilda Schmidt (1995). “Pesquisa qualitativa tipos fundamentais”. *Revista de Administração de Empresa.s.* 35(3), 20-29
- Gomes, Patrícia (2013). “Negócios sociais crescem e se estruturam no Brasil” <http://porvir.org/negocios-sociais-crescem-se-estruturam-brasil/> [25 de julho de 2016]
- IBGE. “Séries estatísticas – Cidades”. <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150130> [1 de março de 2016]
- Jonathan, Eva G. Silva; Taissa, M. (2007) “Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes”. *Psicologia & Sociedade*, [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822007000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100011) [6 de setembro de 2016]
- Juliani, Douglas Paulesky; Juliani, Jordan Paulesky; Souza, João Artur; Harger, Eliza Malucelli (2014). “Inovação social: perspectivas e desafios”. *Revista Espacios*, <http://www.revistaespacios.com/a14v35n05/14350423.html> [6 de setembro de 2016]
- Kleba, Maria Elisabeth, Wendausen, Águeda (2009). “Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política”. *Saúde Soc. São Paulo*, 18 (4),733-743.
- Levie, Jonathan and Hart, Mark (2011). *Business and social entrepreneurs in the UK: gender, context and commitment*. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*, 3 (3). 200-217.
- Loreiro, Paula; Cardoso, Carlos Cabral (2008). “O gênero e os estereótipos na gestão” *Revista de Estudos Politécnicos*. 10 (6), 221-238.
- Machado, Francis Berenger (2012). “Dilemas de Mulheres Empreendedoras em Empresas Inovadoras Nascentes”. XXXVI *Encontro da ANPAD*, [http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012\\_GCT1184.pdf](http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012_GCT1184.pdf) [6 de setembro de 2016]

- Moura, Maria e Meira, Ludimila (2014). “Desafios da gestão de empreendimentos solidários”. *W-p content*, <http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/desafios-da-gesto-de-empreendimentos-solidrios.pdf> [6 de setembro de 2016]
- Mulgan, Geoff (2010) “Inovação Social” in Azevedo, C., Franco, R.C., Meneses, J.W. (eds.) *Gestão das Organizações Sem Fins Lucrativos*. Lisboa: Vida Económica. 51-104
- Oliveira, Edson (2011) “Empreendedorismo social e inovação social: o emergir da Gestão social integrada, sustentável e solidária”. *Escuela de trabajo social*, <http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/pela/pl-000519.pdf> [6 de setembro de 2016]
- \_\_\_\_\_ (2012) “Por que empreendimentos sociais solidários “fracassam”: elementos de uma possível acomodação induzida” *III Colóquio de Doutorandos/as do CES*, <http://www.ces.uc.pt/coimbrac/pages/pt/comunicacoes-e-posters/806---edson-oliveira.html> [5 de setembro de 2016].
- Panceri, Regina (2001). *Terceiro setor: a identificação das competências essenciais dos gestores de uma organização sem fins lucrativos*. Tese de Doutorado em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina. <https://core.ac.uk/download/pdf/30361127.pdf> [6 de setembro de 2016]
- Parente, C., Costa, D. Santos, M., Chaves, Rito, R. (2011), “Empreendedorismo social: contributos teóricos para a sua definição”, *XIV Encontro Nacional de Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho, Emprego e coesão social: da crise de regulação à hegemonia da globalização*, <http://web3.letras.up.pt/empsoic/index.php/actividades/85-empreendedorismo-social-contributos-teoricos-para-a-sua-definicao> [5 de junho de 2016]
- Pena, Heriberto Wagner Amanajás; Santos, Alberto Marinho dos. Oliveira; Hilton Pereira “Análise da Dinâmica da Estrutura Produtiva do Município de Barcarena, Pa-Brasil”. *Eumednet*, <http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/14/economia-barcarena.html> [27 de fevereiro de 2016]
- Pettersson, Katarina. Hedin, Sigrid (2010) “Supporting Women’s Entrepreneurship in the Nordic Countries – A Critical Analysis of National policies in a Gender perspective”. *Paper to Gender, Work and Organization, Keele University*, 21-23.

- Probst, Elisiana Renata (2015) “A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho”, [http://www.rhportal.com.br/artigos/rh.php?idc\\_cad=xg7w7vuh9](http://www.rhportal.com.br/artigos/rh.php?idc_cad=xg7w7vuh9) [12 de abril de 2016]
- Ramos, Sandra (2012). *O emprego no Terceiro Setor – uma análise comparativa*. Dissertação de mestrado em Economia e Gestão. Universidade do Minho. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/23484/1/Sandra%20Patr%C3%ADcia%20Rego%20Ramos.pdf> [20 de julho de 2016]
- Santana, Ana Lúcia Jansen de Mello de; Souza, Leandro Marins de (2015) “Empreendedorismo com foco em negócios sociais”, *NITS UFPR* [http://www.negociossociais.ufpr.br/wordpress/wp-content/uploads/2015/05/EMPREENDEADORISMO\\_NEGOCIOS-SOCIAIS.pdf](http://www.negociossociais.ufpr.br/wordpress/wp-content/uploads/2015/05/EMPREENDEADORISMO_NEGOCIOS-SOCIAIS.pdf) [25 de julho de 2016]
- Santana, Franciane Aguiar (2012) “Comunidades ribeirinhas na Amazônia: relato de experiência” *Revista Perspectiva Amazônica*. 3(6), 47-56.
- Serasa Experian. “Brasil tem mais de 5 milhões de mulheres empreendedoras, revela estudo inédito da Serasa Experian”, <http://noticias.serasaexperian.com.br/brasil-tem-mais-de-5-milhoes-de-mulheres-empreendedoras-revela-estudo-inedito-da-serasa-experian/> [6 de junho de 2016]
- Swedberg, R. (2006), “Social entrepreneurship: the view of the young Schumpeter”, in Steyaert, Chris e Hjorth, Daniel (Eds.), *Entrepreneurship as Social Change*, Cheltenham: Edward Elgar. 21-34.
- Tenório, Fernando G. (2006). “A trajetória do Programa de Estudos em Gestão Social (Pegs)” *Revista de Administração Pública*, <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n6/11.pdf> [5 de setembro de 2016]
- Wallace, Barbara (2005) “Exploring the meaning(s) of sustainability for communitybased social entrepreneurs”. *Social Enterprise Journal*. 1(1),78-90.
- Zape, Katiani Lucia (2007). “Terceiro Setor: Algumas Reflexões sobre a Intensa Corrida pela Sustentabilidade”. *VI Conferencia Regional de ISTR para América latina y el caribe*. Organizan: ISTR y CIAGS/UFBA. Salvador de Bahia, Brasil.

## APÊNDICE

- **Roteiro de entrevista com os coordenadores do projeto organolate**

### **Concepção/ criação do Projeto Organolate**

- 1) Como surgiu a ideia e concepção do Projeto Organolate?
- 2) Como era constituído o grupo das pessoas que fundaram o projeto?
- 3) Quais os objetivos do Projeto?
- 4) Como é feita a gestão do Projeto?
- 5) Quais as funções das categorias que dividem a gestão do projeto?
- 6) Quem são as pessoas encarregadas dessas funções?
- 7) Quanto aos participantes atuais:
  - . Numero
  - . Curso
  - . Atribuições

### **Metodologia adotada na gestão do Projeto**

- 1) Visitas às Comunidades; (quem as faz; frequência e objetivos)
- 2) Ações/ Metas desenvolvidas;
- 3) Existem relatórios das ações?
- 4) Número de mulheres e de homens participantes no Projeto por Comunidade?
- 5) Existe o registro de cada participante com informações cadastrais? Posso ter acesso a esse registro para trabalhar os dados (comprometo-me a confidencialidade da informação recolhida)
- 6) Como é feita a triagem para ingresso no Projeto?

### **Avaliação das Ações desenvolvidas pelo Projeto Organolate**

- 1) Como são medidos os resultados das ações do Projeto?
- 2) Como é medido o grau de satisfação das mulheres envolvidas?
- 3) Quais as principais demandas das mulheres em relação às tarefas estabelecidas pelo projeto?
- 4) Como é que a gestão do projeto tem reagido a essas demandas?

- 5) Quais são as alterações que serão feitas proximo do projeto?
- 6) Como avalia a sustentabilidade do projeto? Estará dependente de investimentos, de apoios do Estado ou de organizações privadas?

- **Roteiro de entrevista com as mulheres envolvidas nas ações do projeto organolate**

### **IDENTIFICAÇÃO**

**Nome;**

**Idade;**

**Naturalidade;**

**Estado Civil;**

**Número de Filhos;**

**Grau de instrução; Analfabeto ( ) Alfabetizada ( ) Ens Fundamental Completo( )**

**Ensino Fundamental Incompleto ( ) Ensino Médio ( ) Ensino Médio Incompleto ( )**

**Ensino Superior ( ) Ensino Superior Incompleto**

**Endereço Residencial;**

**Residência: ( ) Própria ( ) Alugada**

#### **1. Ingresso no Projeto Organolate**

- a) Como soube do projeto?
- b) Porque resolveu participar?

#### **2. Primeiras Expectativas**

- a) Quais eram os seus interesses no início do projeto? Houve mudanças nesses interesses?
- b) Que dificuldades surgiram durante o desenvolvimento do projeto?

#### **3. Mudanças e Expectativas futuras**

- a) O que mudou após a sua participação no projeto?
- b) O que espera para o futuro com as ações que desenvolve no projeto?